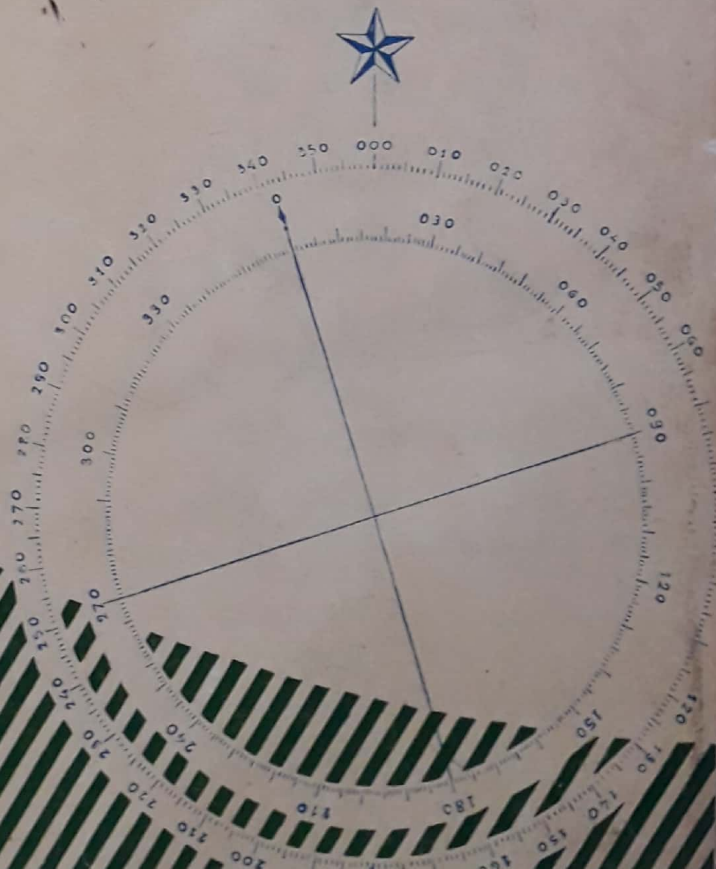




Foroata



REVISTA DOS ALUNOS
DO COLEGIO NAVAL

1960



O VELHO BARCO



fragata

NOSSO PESSOAL

Redator-Chefe:

Al. PAULO FERREIRA DA SILVA

Fotógrafos:

Al. JOSÉ MAURÍCIO LAGOEIRO DE MAGALHÃES
Al. KLEPER JOSÉ DE AZEREDO RODRIGUES LIMA
Al. VÍCTOR SÉRGIO BAILLY SARAIVA

Redatores:

Al. LUÍS FERNANDO LAGO BIBIANI
Al. ÉRICO JOSÉ CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE
Al. PAULO AUGUSTO ROCHA DE VASCONCELLOS

Colaboradores:

Al. EUGÊNIO VILAR PIRES
Al. ANTONIO LUÍS PORTO E ALBUQUERQUE
Al. AGUINALDO DA SILVA RIBAS SOBRINHO
Al. LUÍS TARLEI DE ARAGÃO
Ex-Al. LUÍS FELIPE GALVÃO CALHEIROS

Desenhistas:

Al. JARBAS BARBOSA LOPES
Al. FERNANDO DE CARVALHO BORGES

Oficial Orientador:

CT GUENTER HENRIQUE UNGERER

Planejamento:

Al. PAULO FERREIRA DA SILVA
Al. JOSÉ MAURÍCIO LAGOEIRO DE MAGALHÃES

Secretário:

Al. JOSÉ MAURÍCIO LAGOEIRO DE MAGALHÃES

Colaboradores especiais:

Prof. JOSÉ SOARES FILHO.
Prof. DINAMÉRICO PEREIRA POSEDO.

Solicitamos permuta com publicações congêneres.

Redação: COLEGIO NAVAL - Angra dos Reis - E. do Rio - Brasil



BORGES
60

★
(Escreva nos enviando impressões)

Sumário

	Págs.
Nosso Pessoal	1
Apresentação	2
Um Tipo Inesquecível	3
O Departamento de Remo e Vela ...	5
C.N. - Ilha Grande	7
Eles já são da Marinha	9
Sibilino	10
Aniversário do C.N.	11
Rio - Vitória - C.N.	14
Troféu Eficiência	17
Quinta Regata Rio - C.N.	20
A Arma Submarina	22
Reflexões e Dois Cigarros	24
Despedida	25
Foto da Turma	26
Licenciamento	28
Festa Junina	29
Flashes de 60	30
Por que?	32
Visita do Embaixador da Holanda ...	33
Concurso de Oratória	34
Como se faz um Gingilim	35
Rotina Normal	36
Término de Ano	37
Crônica de Aniversário	38
Desespêro	39
Reminiscências	40
Lágrimas para a Avenante	41
Gãos de Areia	42
Regata de Snipes	43
Horas Vagas	44
Ex Toto Corde	45
Nosso Baile	46
Tédio	47
Dentro da Noite	48
A Você	49
Poesia do Desgraçado	50
Fim de Noite	51
Um Adeus ao C.N.	52

Apresentação

Companheiros, foram-se, já, dois anos de luta. Os nossos corações jovens, a pulsar, a pulsar com entusiasmo cada vez maior, já se tornaram relicário de emoções vibrantes e de sonhos que, a pouco e pouco, se vão realizando. Viajemos um pouco ao passado! Recordemos aquela manhã ensolarada, inesquecível manhã de 5 de março de 1959. Um trem partindo, lenços acenando, e muitos olhos a traír o segredo de corações que se despedaçavam numa saudade insuportável. Era a saudade das muitas coisas belas que ficaram para trás.

Eis-nos chegados ao Colégio Naval! Invadiam-nos um temor vago de não sabíamos quem ou quê. Os dias correram céleres; pouco a pouco nos fomos afeiçoando a esse casarão vetusto e respeitável. E, no interior de suas paredes, aprendemos a ver a vida por um prisma diferente, sob um ângulo mais real, e, por isso mesmo, mais sério. Foi aqui, companheiros, no cadinho mágico dos contratempos e das dificuldades, que aprendemos a encarar a vida com firmeza e destemor. Foi aqui, na execução de fainas diárias, que acrisolamos o nosso caráter e aperfeiçoamos, ainda mais, as nossas qualidades másculas.

Agora novos horizontes se nos deparam. A expectativa de novos dias nos invade e palpita-nos o ser num frêmito sublime. E' a sensação feliz do Dever já cumprido e a certeza do cumprimento dos que, em breve, nos adirão. Aquelas dúvidas, aqueles temores iniciais estiolaram-se com o tempo. Marchamos, agora, firmes, confiantes e serenos. Sabemos que são enormes as responsabilidades que nos aguardam; mas sabemos, também, que não serão menores os nossos esforços, como não é menor a nossa firme decisão de VENCER.

FRAGATA é o marco inicial da nossa carreira. Ela diz um pouco das emoções vividas, e nos esclarece quanto às dificuldades futuras. Dificuldades, sim, companheiros. A nossa Carreira será pontilhada de duras provas. Mas, estejamos certos, sejam duras as provas e maiores serão as Vitórias. A decisão está, pois, tomada: NÓS VENCEREMOS.

O REDATOR - CHEFE

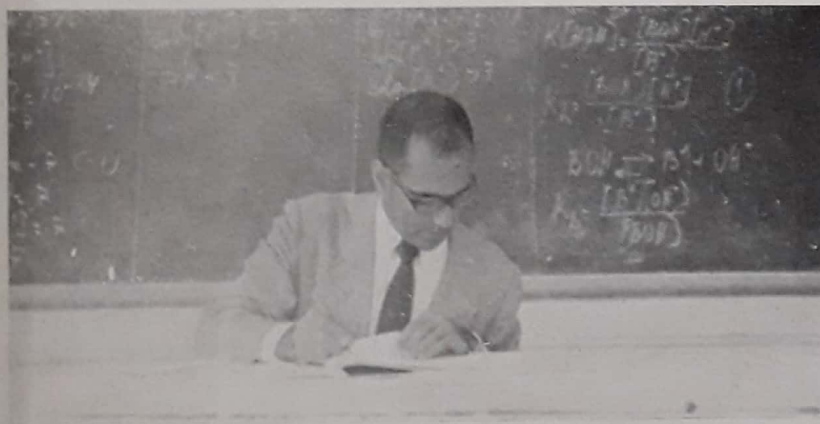




COELHO É "RISONHO E FRANCO"



NO AVISO, RUMO À GUANABARA



INVADINDO O DOMÍNIO DAS CONCENTRAÇÕES



DÚVIDAS, VINÍCIUS?

Um tipo inesquecível:

Carlos Alberto

Coelho Costa

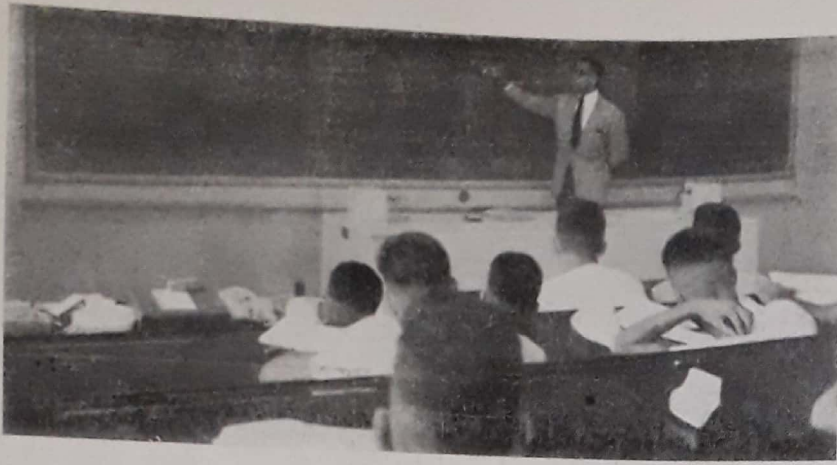
Quando ele entrou em classe tinha um sorriso nos lábios. Trouxe uma palavra amiga para a turma e um incentivo para introduzi-la nos caminhos da Química. Era a primeira aula do Professor Coelho.

Passaram-se os dias, e os contatos com aquele mestre risonho e afável gerou em nós fecunda amizade. Sem permitir intimidades, nem por isto ele se encerrou naquela "turrís eburnea", tantas vezes tabu nas relações entre alunos e Professor.

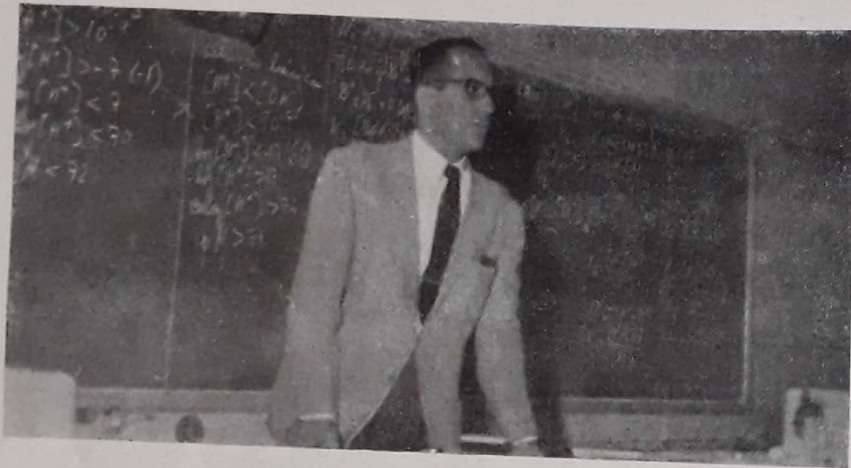
Carlos Alberto Coelho Costa é sobretudo, um gentleman. Educação fidalga, personalidade forte e simples, conquista, logo nos primeiros contatos, a amizade dos que dele se acercam. É um homem de truz. Homem que sabe imprimir muito de si mesmo aos atos que pratica e às palavras que pronuncia.

No vaivém dos pátios, nas correrias da rotina, os dias se esvaíram.

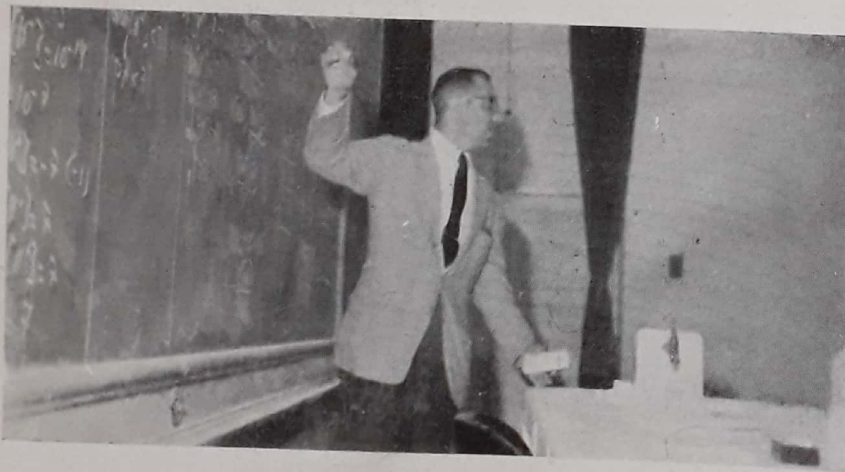
Tivemos a satisfação de saber que o Professor Coelho acompanharia a nossa turma no segundo ano. E assim foi. Passamos dois anos sob a sua influência moral e intelectual. Ao cabo deste lapso de tempo Coelho pode ver em cada um de nós um amigo cer-



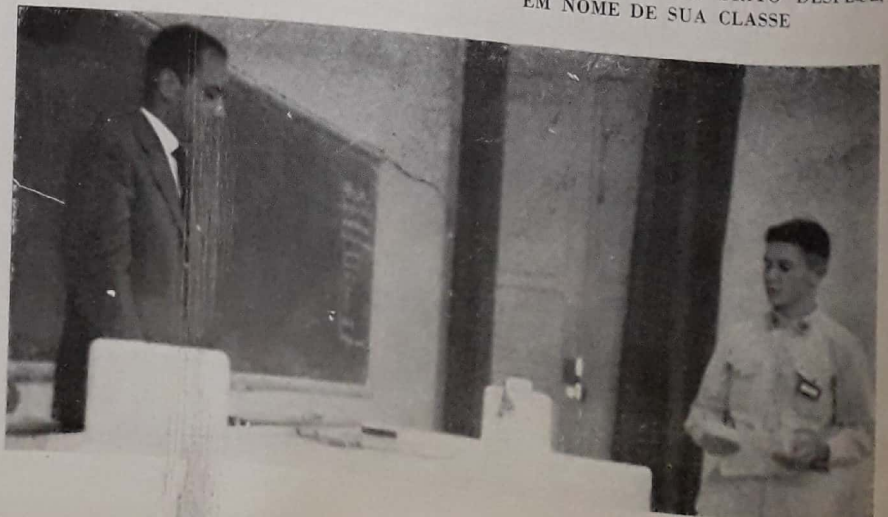
EM PLENA AULA



MAIS UMA AULA QUE SE FOI



E ASSIM FORAM SE DOIS ANOS



ÚLTIMA AULA. ALVES DE BRITO DESPESE-
EM NOME DE SUA CLASSE

to. Quem não relembrará com saudade os seus bate-papos amigos, que entre duas aulas nos aproximavam cada vez mais? Nunca se viu o Professor Coelho de mau humor. Suas mágoas (e sabíamos que as tinha), eram só suas. Só partilhava conosco as suas alegrias. Essas sim. Eram suas e nossas.

Foi-se-lhe, Professor Coelho, a turma de 1959. Desta vez o senhor não a pode acompanhar. Alguém já disse que são as primeiras impressões as últimas que se vão. Há grande verdade na assertiva. E amanhã quando, já transmutada, a vida traçar-nos um encontro casual, saiba que no abraço que então receberá, exprimiremos toda a gratidão e sinceridade de que o senhor se fez credor, nos encontros em classe e fora dela.

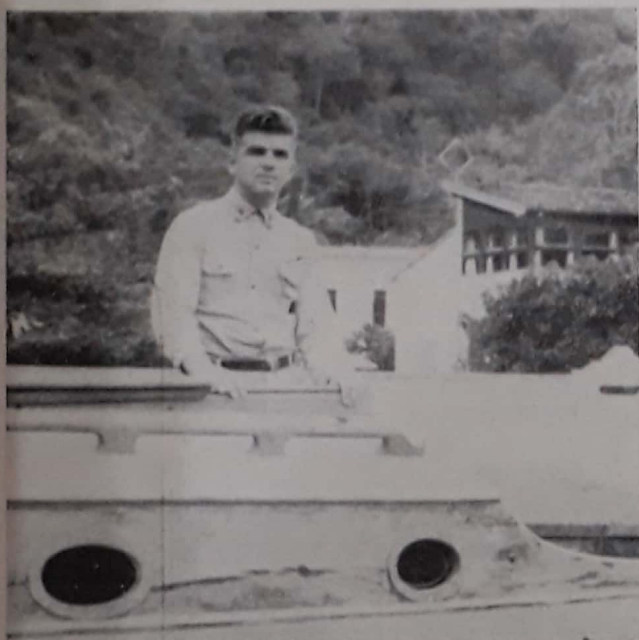
Assim é, leitor, Carlos Alberto Coelho Costa. É um desses paladinos sobre cujos ombros pesa a responsabilidade ingente da formação intelectual de jovens que são a esperança da Marinha, este baluarte de moral, de vigor e de fé no destino grandioso do Brasil.

O Departamento de

REMO

E

VELA



RALPH, O PATRÃO-CHEFE



O INÍCIO...



... EM ÁGUAS CAPIXABAS

O Departamento de Remo e Vela, um dos vários que compõem o nosso Grêmio, tem sob sua responsabilidade os seis snipes da flotilha 438, seis guanabaras, dez escaleres e outras tantas canadenses.

Não corremos o Mundial; o Brasileiro não teve a nossa presença, mas nossos snipes não deixaram, em momento algum, de cumprir o esperado. Assim é que, até o mês de setembro, já tínhamos em nossa ata, uma regata contra a Escola Naval, contra o late Clube do Espírito Santo e outra disputada com a representação do Liceu Nilo Peçanha, de Niterói. Entretanto, somente em uma delas não recebemos os louros da vitória. Internamente, disputamos a Taça Riachuelo, brilhantemente levantada pelos representantes da 5.^a Cia.: Fausto & Borba.

Nas águas capixabas o fator "desconhecido", se muito não influuiu no resultado, em parte colaborou com o segundo e terceiro lugares, que conseguimos tirar, contra os discípulos de Bento Machado, eterno merecedor da nossa admiração, representante digno da família náutica.

Com os Aspirantes de Villegagnon, nossa amizade cresceu, nossos conhecimentos aumentaram, pois não há melhor escola do que o praticar constante. Ganhamos a prova; ganhamos amigos.

O Liceu veio; partiu, levando consigo parte do nosso eu; deixou conosco lembranças que não serão olvidadas, e mais uma vitória para a nossa estante de troféus.

Não pensem, porém, que só a 438 é alvo das nossas atenções. Não! Tal não acontece. São os nossos guanabaras, que, nos fins de semana, pelas águas sempre límpidas da Baía da Ilha Grande, nos levam a Jacuacanga, Abrahão, às areias brancas de Sítio Forte.

Nesta classe não tivemos confronto de forças internas ou externas.

Os nossos barcos não são os mais modernos, mas, para muitos são os primeiros que, mostrando-lhes a beleza da nossa vida, jamais, serão esquecidos. Quem já conhece um "sudoeste" das nossas plagas há de pensar que a Biscoia mudou de lugar.



DISPUTA NA LINHA DE CHEGADA

De pano em cima, ou de remos em voga picada, os escalares mostramos o sentido verdadeiro da palavra "equipe", treinamos, enfim, para o futuro que se nos apresenta. Dá gosto vê-los, em plena madrugada de domingo, partirem para as jóias de beleza rara que são as ilhas da Baía da Ilha Grande.

Com a disputa de regata válida para o Troféu Eficiência, como acontece com as demais classes de barcos, as canadenses também têm o seu dia de glória: são dois alunos esforçando-se ao máximo pela sua Compa-



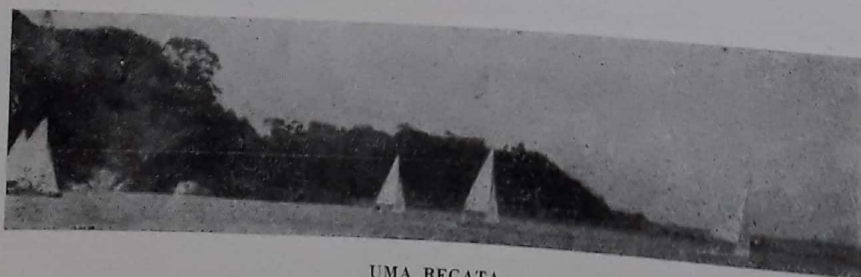
RUMO À ILHA GRANDE

nhia, pelos seis pontos que a ela darão, caso ganhem a prova.

Eis aí algo do que este ano conseguimos fazer, talvez tenha sido pouco, não o negamos; mas não negamos também que mais não poderia ser. A luta foi grande. Se vitórias tivemos, também provamos do fel da der-



FAINA DE LIXAR



UMA REGATA

rota. Como, entretanto, no fim, quem ganha a guerra é o vitorioso vitoriosos fomos, vitorioso é o Colégio Naval, a Marinha de Guerra do Brasil, que, neste oásis, mata a sede dos aficionados dos esportes que nos caracterizam, que são a nossa vida: O REMO E A VELA.

I L H A N C G R A N D E



DIANTE DE SÉCULOS DE CIVILIZAÇÃO

ERICO

Quando o Redator-Chefe me pediu esta reportagem, eu lhe disse: pois não, Ferreira, pode contar comigo.

Agora, entretanto, vejo que me precipitei. Tentar fazer dêste artigo um relatório, não convém, pois nada mais faria que copiar horas, marcações, etc. . .

Patescaria, quantas emoções! Quantos lances que jamais serão olvidados! Tudo, entretanto, vai do fim de um sábado à tarde do domingo seguinte. Mas, para nós ela começa muito tempo antes, quando entregamos o pedido ao Oficial Encarregado. Os dias que a antecedem são de grande ansiedade, em que sonhamos com a voz de "rancho, à vontade", do sábado.

Enfim vem o dia tão almejado. Corremos ao alojamento. Saímos mais "em acelerado" ainda, material às costas. . . embarcamos nos guanabaras. Tudo se nos apresenta como um verdadeiro exame. Lá está o implacável reino do deus Netuno, pronto a nos reprovar. Mas os alunos são bons, as cartas é que estão erradas; os acidentes da costa é que mudaram de lugar. . .

Para cada milha percorrida mais aumenta o nosso êxtase. "Agora é o sol morrendo no horizonte, tingindo tudo de vermelho, escolhendo sua ira, por não ter podido esquentar o mar. Depois é o lampejo de um farol a nos guiar no meio da noite. Sinto vontade de trans-

portar para o papel aquela luz de tanto significado para nós; retrocedo, porém, porque um farol só tem valor em uma noite escura e tormentosa. Quem visse tal fotografia num dia de sol, com os pés em terra, julgá-la-ia infantilidade ou loucura”.

Estamos fundeados no nosso objetivo. O céu torna-se límpido, deixa-nos à mostra um espetáculo que o pin-



Para Jacuacanga

Fundamos em Batista das Neves, desembarcamos tudo. Tudo safo, apresentam-se as guarnições ao Oficial de Serviço.

Um reconfortante banho nos restaura as forças gastas. Vamos ranchar!

NÃO!!! SALSICHA E PRESUNTADA, NÃO!!!



sempre no rumo



Uma "pirâmide"

col de um Miguel Angelo não fixaria com exatidão.

Dormimos sob êsse teto de beleza rara. Na manhã seguinte a ilha já é nossa conhecida. Os "mal encarados presidiários" não são tão mal encarados assim. Só nos causam piedade.

A hora de regresso se aproxima. São içados os panos. Itacuatiba, Laje dos Homens, paulatinamente tudo se esvai na esteira de espuma.

Êles já são da Marinha

Al. FERREIRA

Estamos na Estação D. Pedro II. Um burburinho difereferente naquela plataforma chama logo a atenção para um punhado de jovens. Todos beirando os dezessete anos, malas à mão, estão bem vestidos e risonhos. São parte de uma nova turma de alunos do Colégio Naval. Vão partir.

Quando, há alguns dias, submetiam-se a rigoroso Exame de Admissão êles defendiam seu direito a um "passaporte" para ingressar nessa grande coletividade que é a Marinha do Brasil. Agora, aprovados, êles se dirigem para ela. Este ingresso simboliza o rompimento com uma vida que, até agora, era despreocupada e até mesmo enfastiada. Eles vão sentir uma surpresa ao entrar em contato direto com a nossa Rotina.

Parte o trem. Pouco a pouco os lenços acenando lhes desaparece dos olhos e fica-lhes somente na imaginação a lembrança viva dos últimos instantes entre os seus: naquela sala o pai transmitindo instruções e conselhos quanto ao modo de proceder; a arrumação da bagagem; e, por fim, a despedida. Agora estas coisas estão ficando para trás. Dentro de alguns anos delas restará apenas uma lembrança esmaecida, numa fotografia guardada com veneração.

A Carreira Naval é uma carreira difícil. Aquêles que a abraça deve ter no espírito, antes de tudo, acentuada vocação. Para se chegar a um passadiço, ao interior de uma Divisão, a um Departamento ou a um Quartel, muitas vicissitudes se enfrentou. E, entre duas barreiras, fêz-se mister, sempre, uma dose bem ponderável de desprendimento.

Com o matracar das rodas sobre os trilhos, com o bate-papo camarada, o tempo escorreu despercebido. Man-garatiba assoma na curva da linha. Desembarcados, êles, novos alunos, tomam o Aviso Rio das Contas, e ago-por mar, seguem a viagem rumo ao Colégio Naval.

Quem não passou por instantes como êsse talvez não imagine o que se passa no espírito, à medida que a viagem se aproxima do seu termo. Um misto de ansia, de saudade, de apreensão, invade cada um dêste que, dentro em pouco, pirarão terreno para êles desconhecido.

No castelo de proa um grupo se forma. Lá está o Colégio, apontam alguns "veteranos" que vêm a bordo. E êles divisam ao longe, junto a uma montanha muito verde, a silhueta pálida do Colégio Naval.

O navio atraca. Formam todos na ponte, e, ao som de uma Banda de Música, que lhes dá as Boas Vindas, cruzam, pela primeira vez, o portaló. E começam, então, vida nova.

Jovens companheiros, sede benvindos. Seja o vosso pensamento, de agora em diante, uno, e o vosso Ser uma constante em defesa dêste patrimônio de brios que é a Marinha do Brasil. Não permitais nunca que alguém nos desvirtue a honra, e ficai certos de que, assim fazendo, estareis aptos a defender, quando isto se fizer necessário, os brios de nossa Pátria, quando um dia se ouse feri-los.

Muito se espera de vós, novos alunos.
Muito se espera de todos nós.



PRIMEIRA ENTRADA NO COLÉGIO

SIBILINO

Vasconcellos



PASSEIO os olhos pelo firmamento em busca de inspiração para a crônica quotidiana do pasquim da cidade. Observo o cintilar dos milhões de estrêlas que o adornam e tenho a atenção voltada para uma delas, maior mais brilhante, mais fulgente...

Assim como as bateias, que os garimpeiros, ávidos de fortuna, mergulham nas águas rápidas do rio, voltam trazendo, emaranhados em suas malhas, engastados na ganga lodenta e impura, os mais preciosos e cristalinos diamantes; assim também meu pensar, quando mergulhado nas recordações, traz à tona, dentre os fatos mais insignificantes dos que já vivi, a lembrança

de uma linda menina, de alguns poucos anos, que conheci nos primórdios da adolescência.

Sinto-me incapaz de descrevê-la, pintá-la na imaginação do leitor; entretanto, para que a deusa que cultuo e venero, se não transforme em ficção barata, comercial, é necessário citar-lhe alguns traços que, apesar de imperfeitos e pouco fiéis, a concretizem na mente do reduzido público que me lê.

Na idade não passava dos quinze. Loira, alva como a neve dos parques gelados, olhos azuis como o mar. Trazia no rosto angélico e doce um misto da inocência da infância e da graça da juventude. A mão o gesto e o andar singelo e sutil concitavam à adoração perpétua. Um olhar disfarçado, manhoso, gerou um romance. destes que todos já vivemos, com início, apogeu e decadência. Foi curto o tempo em que desfrutei do prazer de senti-la e às suas carícias.

Os raios aloirados do pôr do sol de há pouco, me trouxeram à lembrança, ajudados pelo azul do céu límpido da primavera. Não sei por que dentre todas as meninas e moças, que amei esta me traz o pensamento acorrentado à sua efígie... Mas, anoiteceu já e, depois de tanto escrever, chego à conclusão de que não possuo matéria para a redação.

E por que tudo isto aconteceu? Porque a natureza possui o crepúsculo, a abóboda celeste, os astros, imagens próximas da deusa distante que nunca mais vi e que a seqüência dos anos foi incapaz de apagar da minha imaginação. A bem dos leitores, eu a esquecerei; prometo e hei de cumpri-lo!

Fecho a janela, sento-me à escrivaninha, invoco a musa, e inicio os trabalhos...



Missa em ação de graças

IX aniversário do Colégio Naval

Texto: Al. Dias Vieira
Fotos: Equipe

UM grande barco que de velas enfunadas avança indiferente ao tempo e às vicissitudes, um baluarte no cumprimento do dever, "TUDO PELA PÁTRIA" é a razão constante de suas andanças, é a missão sagrada que o faz cego ante os próprios sofrimentos. Este o CN que conhecemos. Não assistimos aos seus primeiros passos, entretanto sabemos que a sua figura atual é o resultado de incansáveis jornadas, de lutas incontestáveis, e o admiramos. Admiramo-lo e o respeitamos porque ele se fez consciente de grande moral. A cada dia que passa esse recanto envelhece mais um pouco, mas, como as árvores velhas do poeta, torna-se mais belo e mais amigo. Seu sistema educacional pôde ser aperfeiçoado, seus enganos sanados, seus troncos curvados, sua seiva

mimadora e estimulante *faz-se* mais ativa.

O CN já alcançou a maturidade e, como tal, *fêz-se* modelador de ideais jovens. É um sustentáculo do Brasil futuro. É o primeiro degrau daqueles que escolheram a âncora como símbolo de sua vida. Porque também ele ensina que a profissão de marinheiro é egoísta: exige de cada um o máximo. E a dedicação extrema ao Dever, é a retidão de costumes, é a moral elevada, é o caráter átilvo e inquebrável. E todos nós amamos este barco, porque ele representa a primeira etapa de uma longa ascensão, que todos esperamos será cheia de satisfações. Aqui, ao balanço das ondas, aprendemos a ser pacientes, a suportar as intempéries, a confiar naqueles que nos conduzem e a nos orgulhar do Brasil.



Gapski recebe a Taça IX Aniversário



Equipe de polo aquático



Equipe de futebol visitante



Ases do basquete



Incorporação da bandeira



O regresso. Saudades a bordo e em terra

Assim é que, ao vermos transcorrer mais um Aniversário do Colégio Naval, permitimo-nos deixar transparecer o orgulho simples e natural de todos os que já nos consideramos parte dele. É o sentimento de brasilidade, de confiança e de fraternidade que caracteriza a classe militar e particularmente a grande família naval. É o orgulho de participarmos dela, a vaidade de termos escolhido e alcançado tão honrosa profissão.

As comemorações deste ano tentaram ultrapassar em tudo as anteriores. Dizem que na Marinha as tradições são sempre tratadas com carinho. Vem, talvez, daí o alto conceito por ela desfrutado nas grandes nações do mundo. O CN também tem suas tradições: na manhã que iniciam as comemorações do seu Ani-



A equipe de basquete com o seu treinador, C. T. Joel



Meirelles foi até Mangaratiba...



O desfile



Elas também gostam de basquete

IX aniversário do Colégio Naval

versário somos acordados ao som da banda de música, que substitui alegremente a alvorada, terror das manhãs frias. Isto quer dizer que o bom humor deve imperar no CN, nos 3 dias subseqüentes.

Na manhã do sábado, dia 13 de agosto, o ambiente se torna festivo, com a chegada das famílias de alunos e da delegação do Colégio Estadual do Liceu Nilo Peçanha de Niterói, especialmente convidado. À tarde foram as festividades iniciadas oficialmente, pelo Sr. Diretor. Seguram-se as competições esportivas, incentivadas por verdadeiro duelo de torcidas. As garôtas do Colégio Estadual souberam conduzir o ambiente... Vitórias do CN.

No dia seguinte, domingo, os rapazes da equipe de futebol de salão do CN conquistaram mais uma vitória: 3 x 1. Depois do jogo, doze casais, alunos do CN e alunas do CE, participaram de animada "ginkana", que consistiu de interessantes provas, desde corrida de saco até a quebra de bilhas com água.

Pela tarde a Direção do Colégio Naval ofereceu à delegação visita e às famílias em



A Ginkana



Vista pitoresca da Ginkana

em geral um passeio no Aviso Rio das Contas pelas ilhas e pelos domínios da Baía da Ilha Grande. À noite, após movimentado jogo de basquetebol, teve início o baile, que deu um fim romântico ao domingo.

Prosseguiram, na segunda-feira, as comemorações, com missa especial em ação de graças, pela manhã, e um jogo de water-polo. Em seguida procedeu-se à entrega de medalhas aos atletas, e da "Taça Nono Aniversário do Colégio Naval, conquistada pelo nosso.

À tarde procederam-se às despedidas. A delegação do CE e as famílias de alunos deixavam o CN, com destino a Mangaratiba. Foi o momento triste e inevitável de mais um Aniversário do Colégio Naval. Com as despedidas nasceram as recordações e as saudades. Os que tinham a família distante se lembraram delas, com um aperto no coração. Os que afortunadamente as puderam ter ali, procuravam adiar a partida.

Entretanto a hora chegou. O tempo não pára e é irreverente: não tem sentimentos...

RIO.



FORGES
60

VITÓRIA-CN

Texto de Vasconcellos
Fotografias: Equipe da Fragata.

A vinte e três de julho do corrente ano, sob os raios do sol brilhante e quente das doze horas, deixamos o pôrto do Rio de Janeiro mais uma turma de segundanistas do Colégio Naval em viagem de adaptação à vida no mar.

Foi aproximadamente àquela hora que o navio designado para esta missão se pôs ao largo, sob os acenos de alvos lenços de namoradas e familiares, que se postavam ao longo do cais.

Sob os impulsos da despedida lançamos os olhares ao maravilhoso litoral da Guanabara: Copacabana e seus edifícios, o Corcovado, o Pão de Açúcar... por bombardeio outros contemplavam Niterói, pérola engastada na parte fluminense da Baía de Guanabara.

Ao ser dada "volta" aos postos de suspender, o Comandante do Soares Dutra, unidade que nos conduzia, GMG Acyr de Carvalho Rocha, em breve oração transmitiu-nos as boas-vindas da guarnição e oficialidade, destacando a importância daquele nosso primeiro contato com o oceano.



O embarque

O TrT Soares Dutra é um navio construído no Japão, em 1957. Tem 120 metros de comprimento e desenvolve cerca de 15 nós de velocidade. Não possui armamento, posto que a sua função precípua, em tempo de paz, é o transporte de gêneros e tropas em instrução.

Em regime de sábado, sentados pelos conveses, vimos-nos cada vez mais distantes da costa. O último vestígio que tivemos dela foi Cabo Frio, com seu farol giratório, por volta das dezenove horas. A noite caiu escura e o vento forte nos obrigava a procurar abrigo nas cobertas.

No domingo, à alvorada, seis da manhã, tivemos notícia de que regressávamos ao Rio. Arvorara-se a idéia de montar a Ilha da Trindade e era preciso que não se chegasse ao destino antes da data prefixada.

Por volta das doze horas do domingo o vento se tornou cada vez mais forte e o navio, apesar de ser de grande porte, começou a jogar algo mais do que até então. Correçaram a surgir, por sotavento, os "mareados", pálidos, expressão de repugnância nas faces contraídas, lenço à mão... Para êstes a viagem se constituiu em um transtórno...



Serviço na máquina



Visitas

Passamos diante da entrada da Guanabara, navegando até a altura da Barra da Tijuca, onde, guinando cêrca de 180.º a bombordo, iniciamos nova jornada, com destino ao norte do país. Nunca os nossos lares (dos cariocas) estiveram tão próximos e inatingíveis. Aquela altura far-nos-ia bem um pouco do conforto de terra firme.

A distração desta tarde foi acompanhar a luta de pequeno petroleiro contra as ondas que o varriam de proa a pôpa. Quase tôdas as noites havia audições de música popular, a cargo da banda do Colégic, sôbre a tampa do porão de ré...



No cais de minério

Manuseávamos com grande entusiasmo os apetrechos de navegação, ou descíamos às máquinas. Não foi dado, nesta oportunidade, travar conhecimento com o troar dos canhões.

Navegamos dois dias a mais, fomos até os Abrolhos, e onde, na madrugada de terça feira, aterramos em direção a Vitória. Aí chegamos a 27.

Vitória é urra cidade pequena apertada entre o mar e as montanhas. Tem pontos turísticos de real beleza e interêsse, tais como as praias do Canto e da Costa, o Convento de Nos-

sa Senhora da Penha, o Palácio do Govêrno — belíssima construção em estilo clássico — além do Parque Moscoso, com a sua concha acústica. O comércio é modesto e as ruas estão, geralmente, desertas por volta das 23 horas. Não há, pode-se dizer, vida noturna na cidade.

Permanecemos aqui dois dias; dividimos estas quarenta e oito horas entre o Estado e a Sociedade. O alicerce de nossos afazeres consistiu nas disputas esportivas: combatemos o Saldanha da Gama em vôlei e basquete e participamos de uma regata, ta em que obtivemos honroso segundo

lugar. Considere e que velejávamos pela primeira vez em local totalmente desconhecido.

Foi-nos oferecido um baile nos salões do Iate Clube Praia do Canto, em que nos cativou sobremaneira o modo fidalgo com que nos acolheram. Cumpre-nos realçar o elevado nível social e hospitaleiro dos dirigentes e freqüentadores daquele Clube.

Deixamos o pôrto a 30, e a 31 pela manhã já nos encontrávamos a bordo dêste "Velho Barco". Era a volta à Rotina Normal. Era a volta ao regime árduo das lides diuturnas, em que se aprende a dar TUDO PELA PÁTRIA.



Alimentar

Troféu Eficiência



DISPUTA-SE, anualmente, no Colégio Naval, um troféu interno: TROFÉU EFICIÊNCIA;

Esta disputa visa, antes de tudo, a incentivar, nas cinco companhias em que se divide o Corpo de Alunos, o

gosto pelos esportes mais variados, o espírito de competição, de disciplina e de corporação.



Equipe da 1.ª

Para o ano de 1960 foram os seguintes os resultados, nas diversas modalidades de esportes disputadas:



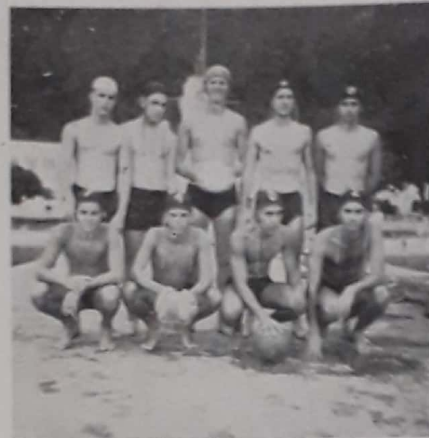
Entrega de medalhas

REMO:
Escaler — Taça Diretor Geral do Pessoal.



Vencedores da rústica

Vencedor — 4.ª Cia.
Guarnição: Ermel, Consentino, Valle Silva, Meirelles, Conde, Arruda, Fonseca, Santa Rosa, Guzmão.



Water Polo



Pelo Basquete

2.º lugar: 1.ª Companhia:
Canadense: Vencedor: 1.ª Cia.
Gapski & Miranda.
2.º lugar: 4.ª Cia: Consentino & Wanderley.



Estes também são bons

TÊNIS (Duplas) — Taça Vice-Diretor do Colégio Naval.
Vencedor: 1.ª Cia. Orlando & Miranda.
2.º lugar: 2.ª Cia. Reale & Morado.

TÊNIS (Simples) — Taça Vice-Diretor do Colégio Naval.
Vencedor: 1.ª Cia. — Orlando.
2.º lugar: 1.ª Cia. — Miranda.

VOLEIBOL — Bronze Secretário Geral da Marinha.
Vencedor: 1.ª Cia.: Gapski, Assis, Miranda, Oliveira Neto, Orlando.



Um tento salva

2.º lugar: 4.º Cia.: Araújo Costa, Anchises, Silva Filho, Velloso, Almeida de Sousa.

WATER POLO — Taça Diretor Geral de Intendência .

Vencedor: 1.º Cia.: Simas, Araújo



Os "demos" do tiro

FUTEBOL: Bronze Comte. Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. Vencedor: 3.º Cia.: Calegari, Valle, Pereira das Neves, Martins, Chaves, Santiago, Jaibas, Andrade, Reinaldo, Campos, Ajamir, Falcão, Dias de Moura, Jambeiro, Bueno .
2.º lugar: 2.º Cia.
Artilheiro: Orlando, 4 tentos.



Dia das Canadenses

RÚSTICA PEDESTRE — Bronze Comte. Arnaldo Toscano. Vencedor: Anchises — 9m 35s 05 — 1.º Cia .
2.º lugar: Gapski — 9m 44s 08 — 1.º Cia.
Outros: Orlando, Braga, Oliveira Neto, Coutinho, Santiago, Dias, Duílio, Reale.



Luta pelo 1.º lugar

jo Costa, Agnese, Gapski.
2.º lugar: 4.º Cia.: Velloso, Ottoni, Duílio, Muniz, Orlando, Miranda.
Artilheiro: Agnese, 12 tentos.



Orlando, o tenista

FUTEBOL DE SALÃO — Taça Corpo de Alunos .
Vencedor: 1.º Cia.: Orlando, Cortez, Anchises, Ewerton, Vital, Adilson Simões, Rocha, Lemos, Almeida de Souza, Duílio.
2.º lugar: 5.º Cia.
Artilheiro: Orlando, 18 tentos.



Regata de Escaleres

BASQUETEBOL — Taça Chefe do Estado Maior da Armada. Vencedor: 1.º Cia.: Gapski, Malaman, Miranda Roberto Terra, Oliveira Neto, Orlando, Anchises, Ewerton, Priori, Trisciuzzi. Cestinha: Gapski, 126 pontos.
2.º lugar: 5.º Cia.



Gapski, o arremessador

V REGATA RIO - C. N.

Texto: É R I C O



Cruzando a linha

Geral		Classe
1.º	PROCELARIA	1.º C
2.º	D JUAN II	1.º B
3.º	MISTRAL	2.º C
4.º	ANGICA III	2.º B
5.º	SINDBAD	3.º C
6.º	ONDINA	3.º B
7.º	BOA SORTE	4.º B
8.º	SPRAY	1.º D
Desclassificado: SINGOALA		



O SINDBAD

Este ano foi bem maior o interesse despertado em nosso meio por esta grande prova da vela nacional. Explica-se isto pela presença do nosso Patrão - Chefe a bordo do Sindbad, o que nos fazia concorrentes .

Não nos trouxe o nosso representante o cobiçado troféu, mas cumpriu galhardamente a sua missão. Quando, no negrume da noite fez-se obrigatória a troca do pano de proa, o quebrar das ondas não o fez fugir à luta. Temos certeza de que o Colégio galgou mais um degrau na escada da glória.

Tudo fizemos para o maior brilho da prova. Sabíamos ser quase impossível a chegada de qualquer barco durante a noite, mas, como no mar o melhor marinheiro é o que sempre espera o impossível, toda a noite do dia 21 de abril passamo-la com os olhos bem abertos. Entretanto só às 13 horas do dia seguinte o primeiro barco atravessou a linha de chegada.

Em meio ao já tradicional vatapá, o Sr. Diretor distribuiu os prêmios a quem, por direito, os mereceu, e deu por encerrada mais esta grande competição náutica.

Foi a seguinte a classificação da Quinta Regata Rio — Colégio Naval:

Visita do Colégio Santo Agostinho

Em agosto visitou-nos, também, uma delegação do Colégio Santo Agostinho do Rio de Janeiro. Em ambiente de perfeita cordialidade foram levadas a efeito algumas competições esportivas, que constaram das seguintes modalidades:

Basquetebol: Depois de uma partida interessante, com lances de parte a parte, o marcador registrava a vitória para os rapazes do Colégio Naval.



Recebidos na ponte de desembarque



Discursa o Diretor do Sto. Agostinho



Vôlei, equipe visitante



Troca de flâmula. Início de nova partida

Voleibol — Muito boa peleja. A vitória, mais uma vez sorriu para as cores do CN.

Futebol — Aí as coisas mudaram de rumo. Os rapazes do Santo Agostinho dispunham de um quadro bem treinado e bastante aguerrido. A equipe do CN lutou bravamente e após um período de muito nervosismo conseguiram um gol, que nos levou o empate: 1x1.

Futebol de Salão — Outra demonstração de força do Santo Agostinho. Peleja movimentadíssima e, ao final, mais um empate 1x1.

Após as partidas, deram-se as despedidas. Foram-se os jovens do Santo Agostinho e estamos certos de que fizemos neste Colégio mais uma plêiade de amigos.



Futebol



Nosso excrete



Êstes também brilharam



A ARMA SUBMARINA

(Pelo Capitão-Tenente GUENTER HENRIQUE UNGERER

Por volta de 1897 o Ministério da Marinha da França abria um concurso para a construção de um torpedeiro submarino que satisfizesse as seguintes condições mínimas:

Velocidade: 12 nós.

Raio de ação na superfície: 100 milhas a 8 nós.

Raio de ação em imersão: 10 milhas a 8 nós.

Armamento: 2 torpedos.

Deslocamento máximo: 200 toneladas.

Estava dado o primeiro passo para o advento desta poderosa arma que é o submarino de hoje. Já existiam, nessa época, outros submarinos, porém movidos somente pelos motores elétricos, e conseqüentemente com um raio de ação diminuto, tendo em vista a rápida descarga das baterias.

Foi o engenheiro naval LEUBEUF quem apresentou o melhor projeto, ao qual chamou de "SUBMERSÍVEL AUTÔNOMO" para diferenciar dos submarinos até então existentes.

Para a sua propulsão o Narval (nome dado ao submersível autônomo)

possuía uma máquina a vapor, alimentada por uma caldeira tubular, queimando óleo. No mesmo eixo do hélice tór instalou um motor elétrico que poderia também funcionar como gerador. Assim sendo o Narval era acionado, na superfície, pela sua máquina a vapor, e, em imersão, pelo seu motor elétrico, alimentado pelas suas baterias. Quando na superfície, o motor, funcionando como gerador, poderia carregá-las. Com isto o Narval estava liberto da necessidade de voltar à sua base, quando, após uma imersão prolongada, tivesse descarregado suas baterias.

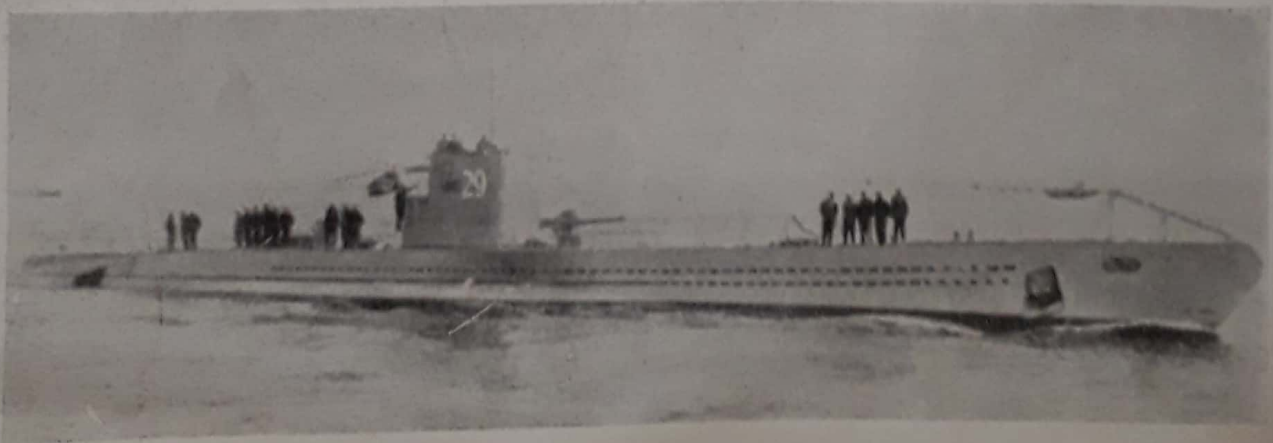
Estava, pois, lançada a pedra fundamental dessa arma cujo sucesso tem deixado apreensivas as altas autoridades navais das principais marinhas do mundo.

Foi a Grande Guerra o primeiro conflito armado em que se sentiu a eficiência do submarino. Neste período, sob a orientação de TIRPITZ, a Alemanha desenvolveu grandemente os submarinos, passando do pequeno U, de cerca de 400 toneladas ao

cruzador-submarino de quase 300 toneladas, como o ramoso DEUTSCHLAND (U-151).

Desencadeando a guerra submarina sem restrições, atacando as linhas de comunicações marítimas, os submarinos alemães, pouco mais de 100, conseguiram, em 1917, afundar 425 navios aliados, num total de 825.000 toneladas.

Foi ainda durante a Grande Guerra que foram descobertos outros meios de utilização do submarino. Foi o Almirante SCHEER que os utilizou em missões de observação, tanto nas bases inimigas, como em alto mar, em zonas determinadas. O Almirante Inglês utilizou os submarinos na destruição de seus similares inimigos, com animador resultado. Foi ainda nesse período que submarinos foram empregados para semear campos minados, o que obrigou os aliados a manter, no começo de 1918, mais de 1000 navios de varredura, no mister de limpar as minas colocadas por submarinos alemães nas proximidades de suas costas.





O excelente comportamento dos submarinos na guerra, trouxe necessariamente o desenvolvimento dos meios para combatê-los. E assim foram aperfeiçoadas bombas de profundidade, hidrofones, minas, redes, navios armadilhas, etc.

Apesar de tudo, durante o último conflito mundial, assistimos, estarrécidos, ao poderio destruidor dos submarinos, quando toneladas e toneladas de navios e material foram perdidas, pela ação dos torpedeiros submarinos.

Novamente desenvolveram-se os meios de combate, com o advento do Sonar (posteriormente aperfeiçoado), das armas de proa, dos torpedos acústicos, etc.

Nesta ocasião foi sentida a necessidade da ação conjunta para se pôr termo ao submarino. Verificou-se não surtir o efeito desejado a busca isolada de navios ou aviões, e procurou-se a solução com a criação do GRUPO DE CAÇA E DESTRUIÇÃO do qual teria obrigatoriamente que fazer parte um porta-aviões, para, com seus helicópteros e aviões, auxiliar os navios no mister de dar combate ao inimigo submerso. E foi esta ação conjunta, com uma perfeita unidade no combate, quer por parte dos aviões, quer dos navios, e só conseguida com aviadores e marinheiros forjados na mesma Escola, que garantiu aos Aliados a liberdade de navegar e comerciar através dos mares.

Novas táticas foram estudadas,



apareceu a WOLF-PACK, como uma tentativa de furar as coberturas aos comboios (solução empregada a proteção ao comércio marítimo). Surgiu o SNORKEL, apareceu o radar, mas o submarino parecia estar restrito ao aperfeiçoamento do modelo do engenheiro LEUBEUF, pois, em linhas gerais, continuava dependendo de sua carga de baterias. Embora o Snorkel permitisse que esta fosse dada em imersão, o radar já tinha atingido capacidade de detetá-lo a grande distância. Assim sendo, os submarinos estavam restritos a velocidades da ordem de 15 nós, no máximo, quando em imersão, velocidade esta que constituía a principal barreira imposta aos submersíveis.

Esta situação estática, no entanto, foi quebrada ainda uma vez na Alemanha, quando Walthar conseguiu concluir um tipo de motor que retirava o oxigênio necessário para a queima do combustível, de uma concentração de água oxigenada. Utilizando este motor, foi construído experimentalmente o tipo XVII que nos testes conseguiu atingir a velocidade de 26 nós submerso. Felizmente para os Aliados, a produção em larga escala deste tipo, só foi iniciada poucos meses antes do término da guerra, tendo sido prontificados até então algumas dezenas desses submarinos. Infelizmente foram eles encontrados intatos em Kiel, pelos soviéticos, que

os desmontaram e levaram para o U. R. S. S.

O clima de intranquilidade do após guerra fez com que prosseguissem as pesquisas, tanto no setor submarino, como no anti-submarino. Aquêle, porém, tomou extraordinária impulso com o advento da propulsão nuclear. Este foi o passo decisivo para que se atingisse o verdadeiro submarino. Independente da restrição oriunda do emprego das baterias, com linhas hidro-dinâmicas cuidadosamente estudadas e com uma construção de casco capaz de atingir a grandes profundidades, o submarino atômico foi aprovado em todos os testes, saindo incólume dos exercícios feitos em conjunto com as unidades de superfície dos E. E. U. U., tornando-se praticamente inatingível até o momento, embora muitos sejam os estudos e desenvolvimentos dos meios de combate anti-submarino.

A descoberta da rota sub-polar e a utilização dos submarinos como lançadores de mísseis tele-guiados está desafiando os cientistas a que descubram um novo método de detenção, mais eficiente, para que se possa eliminar a ameaça do submarino. Com isto a corrida vai continuar, os progressos surgirão cada vez mais espantosos; esperemos, porém, que não nos seja dada a oportunidade de assistir a um confronto real entre os dois partidos...



O NOSSO HUMAITA



Reflexões e dois cigarros

Vilar

A FUMAÇA extingue-se no cinzeiro abarrotado — cemitério onde repousam as cinzas do cigarro que, um dia, me matará.

Serei cinzas.

Uns dizem que gozo a vida, outros, que antegozo inconscientemente a morte. Antes que uma das duas opiniões me preocupe, preocupo-me simplesmente em sentir prazer. Admito que o homem nem sempre é feliz por natureza; a natureza, entretanto, dá artifícios. E confesso que só sou feliz quando, por uns momentos, esqueço de que não o sou. O artífice (ou artíficio) dessa felicidade é um miserável cigarro.

Um miserável cigarro!

A infância, por mais pobre que seja, por mais

amarga e triste, é, pelo menos, inocente. Assim, sendo, por mais pobre, é rica; por mais amarga, é doce; por mais triste, é alegre. A infância não fuma.

Pro quê?

Mas minha vida, já grisalha, caminha nessa estrada de cinzas, onde o fator "felicidade" existe estreitamente entre duas pontas de cigarro.

Se fôsse filósofo diria que essa existência significa apenas o princípio de uma eternidade desconhecida.

Antes que a tese se torne verdadeira, viro as costas para o mundo, recolho-me à condição de pobre homem descrente.

E acendo outro cigarro...

Despedida

Al. Ferreira



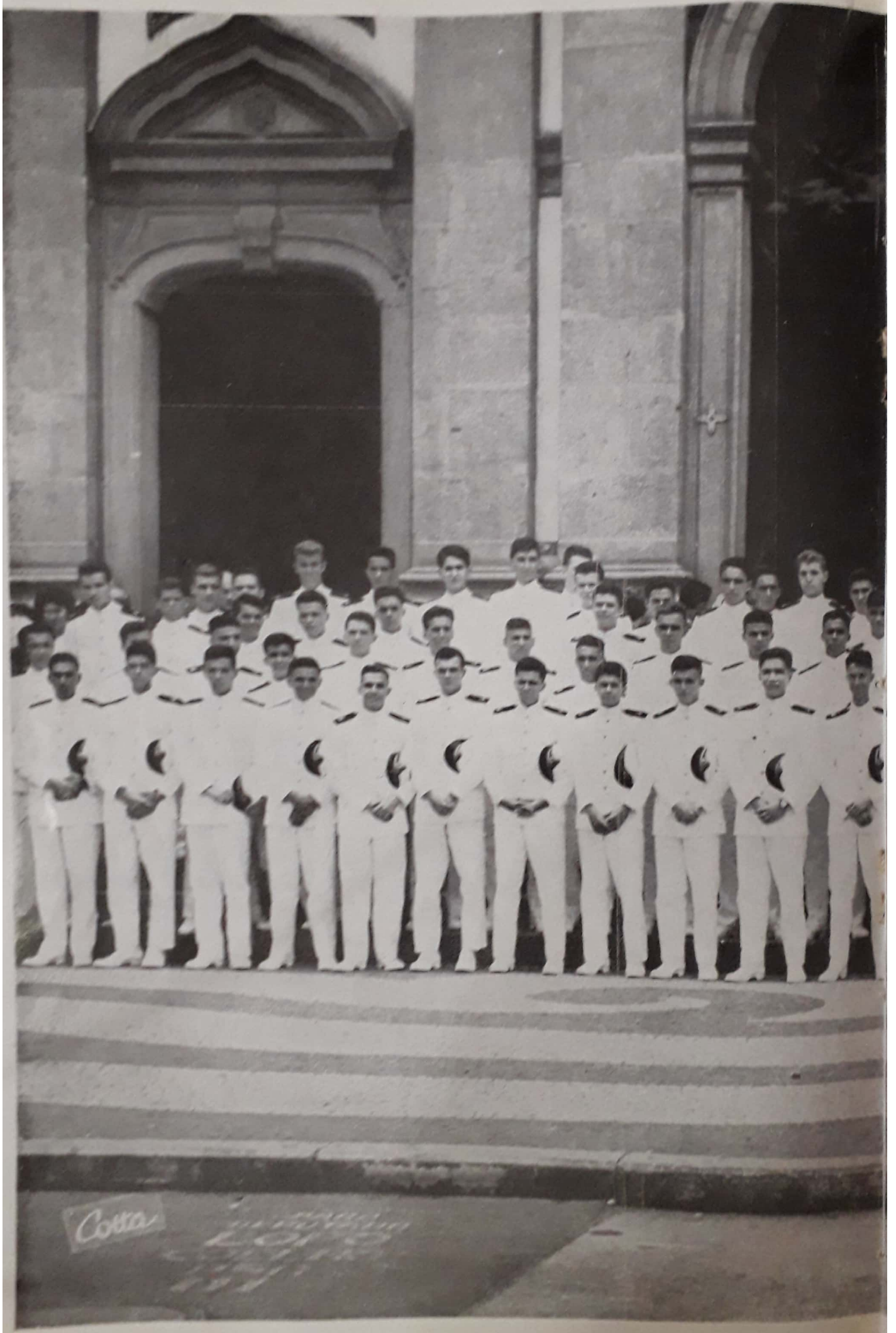
A noite, triste e envolvente, caiu de todo. Sôzinho, engolfado em pensamentos fixos, caminho, passos nervosos, em direção à sua casa. Nervosos, sim. É que este caminho está sendo percorrido por mim pela última vez. E como se tornou curto! Parece que a tristeza, além de acabrunhar o espírito, tem o condão de encurtar a distância.

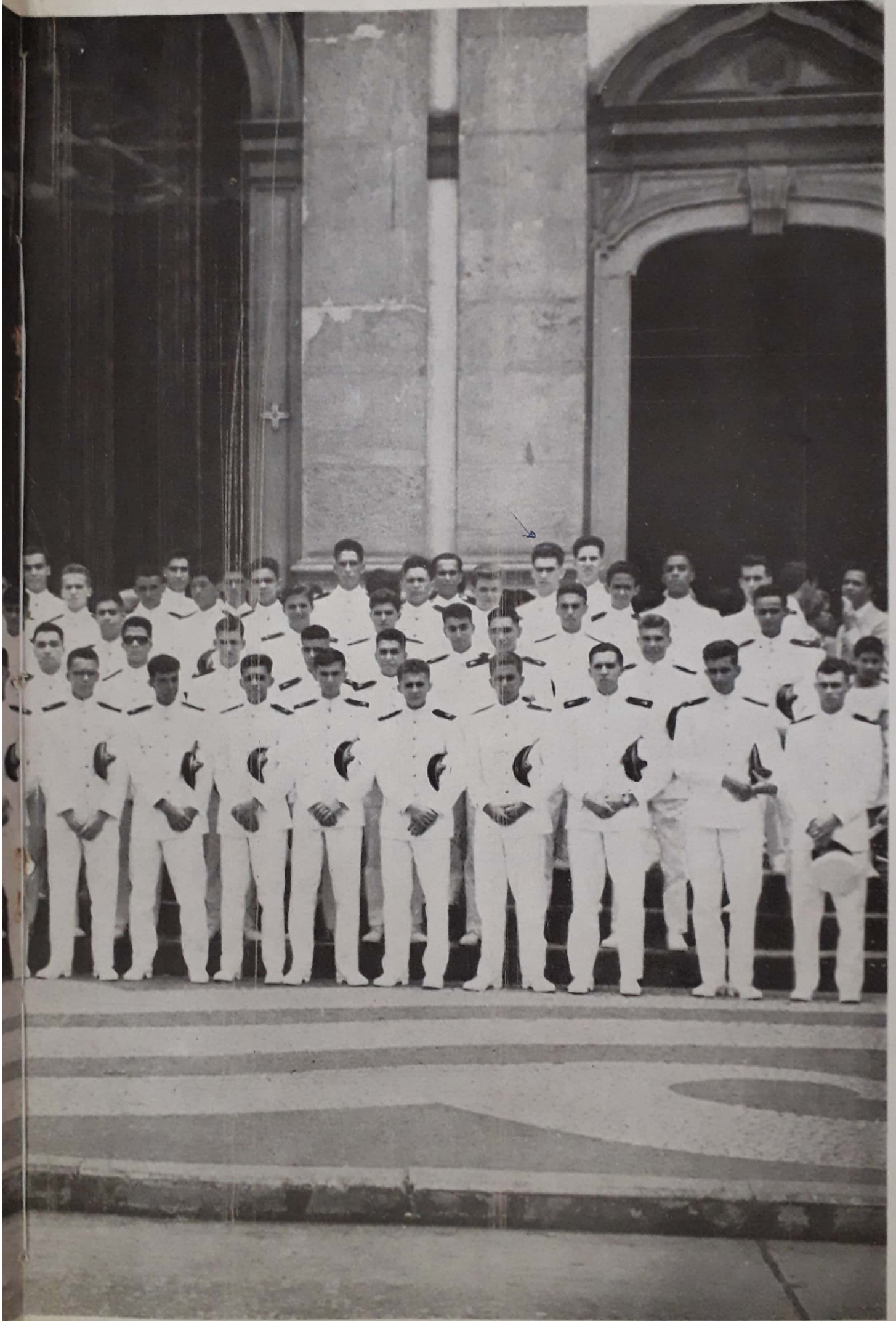
Cheguei mais depressa que de costume. Ela estava à porta. Conversamos sobre assuntos de pouca ou muita importância. As suas mãos estavam frias. Sua voz, sempre muito suave, parecia-me, naquela noite, uma canção vaga, dessas que nos penetram a alma e que nos deixam assim inexplicavelmente extáticos. Olhei seus olhos, profundos, serenos, olhos negros, negros como um abismo onde, à procura de apoio, claudicava minha alma num caudal de paixões. E fiquei assim por muito tempo, sem dizer palavra.

O coração tem impulsos curiosos. As vezes parece-nos que não foi a palavra e sim o silêncio o dom supremo de que nos adotou o Criador. Mergulhei, naqueles doces instantes, na eloqüência do silêncio. E disse-lhe muitas dessas coisas que a palavra não revela. O silêncio é eloqüente e convence. E sei que, naquela última noite, ela viu, em meus olhos e em meu silêncio, toda a amargura que me despedaçava a alma.

As horas esgotaram-se rápidas. Disse-lhe adeus, e parti. A rua estava deserta e eu ouvia na calçada o ruído dos meus passos lentos, a contrastar com a arritmia do meu coração. Olhei o céu, vi um pedaço de lua em minguante, a me olhar por uma brecha de nuvem, como a zombar dos pensamentos enervantes que me afluiam desordenadamente ao cérebro. Vi nuvens, estrelas e, naquela penumbra morna, vi esboçar-se um rosto inesquecível de mulher.

Contemplava hoje a imensidão líquida do mar. Mergulhei na vaga desses pensamentos que me têm perseguido, até que uma onda mais ousada da maré enchente me despertou daquele êxtase. E, junto ao mar imenso, comparei a grandeza do sentimento que me envolve, que somente se pode igualar a esta imensidade líquida, à grandeza imutável da própria eternidade...





LICENCIAMENTO

Os dias no Colégio Naval são, de maneira geral, todos iguais. É a campainha a tilintar, anunciando o início ou término de aulas, a corneta, a indefectível corneta, a convocar-nos para um "reunir", ou a dizer-nos que é hora do rancho. Entretanto, à medida que se aproxima o fim do mês, eles vão se tornando mais monótonos, com a proximidade dos



NO AVISO



O EMBARQUE...

licenciamentos. Estes são os sonhos que afagamos durante mais de vinte e cinco dias, todos os meses. E como passam depressa Parece que o tempo trama contra nós, durante 3 curtos dias no Rio. Quando menos se espera... eis que eles passaram. E voltamos ao Colégio. Voltamos à mesma rotina de sempre e se iniciam desde logo os novos sonhos, os novos planos, para o mês que vem...



Nossa festa junina

Al. Dias Vieira

Como são gratas as recordações dos festejos juninos, comemorados nos tempos da infância! Quer morássemos nas grandes metrópoles, quer nas cidades pacatas do interior, todos tivemos aquele período de despreocupação em que uma fogueira cintilante e fogos de artifício cruzando o céu escuro eram o panorama que nossa mente comportava nas noites de São João. Como eram interessantes as histórias contadas ao redor da fogueira! E à noite, quando moçoilas núbéis e rapazes vigorosos rodopiavam aos pares nas quadrilhas, que mundo de fantasias nos traziam ao coração!

As diversas atividades a que se entrega a mocidade nem sempre permitem reviver aquelas noites passadas. Assim é que somos gratos ao destino que nos permitiu neste Colégio Naval a nossa festa junina que tanto nos alegrou.

Todos somos testemunhas da agitação febril que tomou conta do Colégio, na semana que antecedeu o dia 25 de junho. Era todo o corpo de alunos empenhado em dar à nossa festa a beleza necessária. O ginásio, paralisado há muito pelas conveniências, transformou-se em verdadeira colmeia, em que todos nos orgulhámos

de contribuir com uma parcela para o maior brilhantismo da festa. Enorme âncora azul centralizava a iluminação artística e os tradicionais cordões de bandeirinhas. Motivos folclóricos e locais constituíam a ornamentação pitoresca do ginásio.

O comando do Colégio pôs à disposição das famílias conduções de Mangaratiba até o Colégio. Além disso, bonitas niteroienses de Instituto de Educação vieram alegrar ainda mais o ar festivo que tomou conta



FAINA DE PREPARAR O GINÁSIO



QUEIMA DE FOGOS



ASPECTO EXTERIOR

dêsse bastião de Angra dos Peis. Barraquinhas, com bebidas e comestíveis, intercalavam-se entre duas danças. O nosso conjunto esteve me'hor que nunca e grande parte do sucesso da festa devemos inegavelmente a êle.

As festividades começaram às 15 horas de 25, com a célebre corrida rústica pedestre, desde o pôrto de Angra até o Colégio. Movimentada competição em que tomaram parte quase todos os alunos. Logo após foram ofertadas, pelo Sr. Diretor e outras autoridades, medalhas aos 10 primeiros colocados.

Só os que presenciaram uma festa assim, podem ter idéia da alegria que sentimos ao ver o ambiente austero do Colégio Naval aliviado e transformado, da noite para o dia em um arraial do sertão.

No dia seguinte... despedidas e volta à rotina normal. E morreu a nossa festa. Festa das alegrias, das emoções vibrantes e das grandes recordações.

FLASHES DE 60

Texto de Ferreira



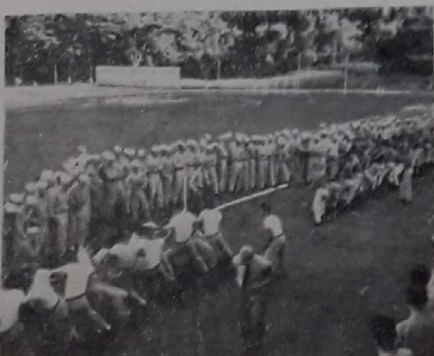
PROVA DE G.O.P.



FLÓRES PARA MARCÍLIO



OS "CAQUITA'S BOYS"



CABO DE GUERRA...

N.º 1 - Aula Inaugural - Este ano esteve a cargo do Dr. Luis César, Professor de História Geral e do Brasil, do Colégio Naval. Versou sobre tema interessantíssimo, adstrito à Carreira Naval. Abordou-o o Professor Luis César com o brilhantismo que sempre lhe caracterizam as aulas, de profundo conhecimento a matéria que leciona.

N.º 2 - Posse de Oficiais-Alunos - No início do ano ocorreu a posse dos novos Oficiais-Alunos, para o ano de 1960. Oficiais-Alunos são os 16 primeiros colocados entre os alunos, e têm função de comando de pelotão e ajudância de companhias. Missão espinhosa. Mas os dezesseis rapazes desincumbiram-se dela a contento. Parabéns, colegas.

N.º 3 - Calistênciã - Isto é uma das nossas aulas de educação física. Este ano estiveram a cargo do 1.º Tenente Fuzileiro Naval VASCONCELLOS. Trabalho de grande proveito para o Corpo de Alunos.

N.º 4 - CN x VERA CRUZ - Foi-nos dado ensejo de participarmos de uma série de melhor de três com o Vera Cruz, conhecido Clube de Angra dos Reis. Vitória do CN.

N.º 5 - 11 de junho - Dia festivo para a Marinha, rememora os notáveis feitos da esquadra de Tamandaré. Comemorado com brilhantismo no Colégio Naval, onde se forjam os caracteres que, no futuro, hão de dirigir, com o mesmo valor de até agora, esta Armada de tão soberbas tradições.

N.º 6 - VISITA DO N. S. DO ROSÁRIO - Recebemos, em abril, a visita das simpáticas alunas e mestras deste Colégio de Volta Redonda. Transcorrida num ambiente de perfeita cordialidade, esta visita foi-nos bastante agradável. As garotas de Volta Redonda são muito educadas e cativaram-nos com seus modos gentis. Deixaram saudade ao partirem. Que se repitam visitas como essa. Só podem causar-nos prazer.

N.º 7 - SHOW DE ALUNOS - Dia de show é dia festivo. O ginásio enche-se de alunos, oficiais e visitantes, para verem e aplaudirem os nossos "artistas"... Ai está um grupo deles, em uma "doublage" feliz.

N.º 8 - PÁSCOA - Demonstração de fé e de sentimento cristão, a Páscoa do Colégio Naval foi das belas cerimônias de 1960. Todos os católicos, unidos em um só espírito de religiosidade, receberam, na óstia simbólica, de acordo com o rituais da Igreja, o corpo do Cristo. Foi um belo espetáculo de unidade de princípios e de comunhão de sentimentos.

N.º 9 - PELOTÃO TAMANDARÉ - Todos os meses concede-se ao pelotão de melhor média de estudos e de melhor conduta militar o título de Pelotão Tamandaré. Os alunos a ele pertencentes têm, como prêmio, uma licença especial para o Rio. Aconteceu, em 1960, um empate entre o 4.º e o 9.º pelotões. O "cabo de guerra" decidiu qual dos dois seria o vencedor para aquele mês. Vitória duríssima para o 4.º.

BELO TRIO, LINDAS VOZES



UMA CESTA A MAIS



NO "COQUEIRO"



DEMONSTRAÇÃO DE FÉ



PASSAGEM DA VICE-DIRETORIA



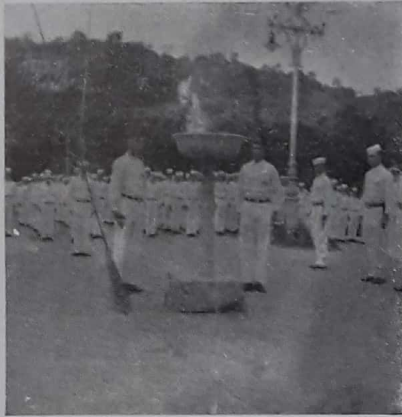
O APETITE DO BAIANO



CUMPRIMENTOS PESSOAIS DOS ADIDOS



CRUZANDO O PORTALÓ



QUEIMA DE BANDEIRAS

N.º 10 – VISITA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE NITERÓI – Vi-itou-nos, em nossa festa junina, uma delegação do IEN. As garôtas participaram de nossa Quadrilha e dos nossos divertimentos em geral. Foi am dois dias amenos em nossa Rotina. As menina e conduziram magnificamente. São donas de uma boa educação social e de uma simpatia contagiante.

N.º 11 – PASSAGEM DE FUNÇÃO – Houve êsse ano, a transmissão da Vice-Diretoria do Colégio Naval. Depois de proficua administração, o CF Bittencourt recebeu um substituto, o CF Galvão. Eis um flagrante da transmissão de cargos.

N.º 12 – VISITA AO BRACUÍ – Estêve fundeado em Batista das Neves o CT Bracuí. Aproveitando a oportunidade programou-se uma visita a êle, para os alunos de segundo ano, o que lhes ensejaria melhor os conhecimentos sôbre esta classe de navio.

N.º 13 – VISITA DE ADIDOS NAVAIS – Recebemos em agôsto a honrosa visita de vários adidos navais de países amigos. O tempo inconstante impediu que o Corpo de Alunos lhes prestasse as homenagens devidas. Acreditamos que tenham levado boas impressões do Colégio e dos que aqui se preparam para enfrentar as vicissitudes da vida no mar, que êles bem conhecem.

N.º 14 – DIA DA BANDEIRA – Foi am levadas a efeito as comemorações do 19 de novembro, Dia da Pandeira. Após as cerimônias de praxe e a leitura da Ordem do Dia, houve a queima das bandeiras velhas, e seguiu-se o desfile do Corpo de Alunos em direção ao pátio interno.

N.º 15 – VISITA DE PROFESSORES – Visitou-nos uma delegação de professores de colégios militares. Proporcionou-se-lhes uma visão mais ou menos rápida de o que é o Colégio Naval e a vida des que aqui se formam. Presteram-se lhes homenagens, constantes de desfile e um almôço no "Coqueiro", clube dos oficiais, na Taperinha.

N.º 16 – 13 DE DEZEMBRO – Dia do Marinheiro. Dia em que nos sentimos mais ligados a essa grande família que é a Marinha. A evocação dos heróis do passado e à contemplação dos grandes vultos do presente, palpitam-nos o ser em um sentimento que se renova a cada dia. É o patriotismo. É esta sensação contagiante que nos faz crer, cada vez com



REVISTA



O "BACALHAU"

mais entusiasmo, na força, na segurança, e na grandeza sempre crescente do Brasil.

N.º 17 – BACALHAU – Êste passou "na tangente". Como tal, assiste-lhe o direito inalienável de um banho de mar... Depois... lá vem êle, molhado até os ossos, mas feliz da vida. A Escola Naval, bem vale um banho de mar...

N.º 18 – FIM DE ANO



DEPOSIÇÃO DE FLÔRES A TAMANDARÉ

PASSEI!!!

DESFILE

NO PATIO INTERNO



POR QUE?

ERICO

Nasci em Poruaçu, à beira do mar.
Cresci em Poruaçu, à beira do mar.

Quando ainda não andava, tinha na areia da praia o colchão para as minhas quedas; com o sal do mesmo mar fizeram-me digno do perdão divino.

Foi-se o tempo, ora vago, ora lento. Muitos sudões me fizeram medo, muitas noites de lua cheia me levaram ao alto do penhasco.

Certo dia, já não mais sei quando, ouvi longe soar o trovão, sem saber como, pois no horizonte tudo era azul. Foi então, meu menino, que escutei falar em guerra, em gente que matava gente, navio que afundava navio.

Jurei fazer guerra à guerra.

Outros dias vieram, outros tantos se foram. Na minha praia tudo continuava como sempre. Uma vez ou outra falava-se na tal da guerra, mas não se dava muita

Quando veio o sudoeste, não me encontrou no mar, não me jogou água na face.

Depois foram outros navios, outros trovões. De um e de outro lado só se fazia gritar: fogo! fogo!

Apresentava-se-me o próprio inferno.

Nada fugia à sanha destruidora daqueles homens. Apesar da calmaria, o mar jogava, apesar do sol reinante, o céu era cinzento.

Jogaram óleo no meu mar, mas jogaram sangue também. Jogaram homens, escrúpulos, moral. Jogaram a própria fé da raça humana.

Ao terminar tudo, o vento, desperto por tanto barulho, levou para longe as nuvens cinzentas, para bem longe o cheiro da morte.

O invasor fôra destruído. Será? Vencemos mesmo? Terão o meu coqueiro, a minha canoa, a medalha de mortos em combate? Terão?! Terá estátua a minha rêde? Poderei crer que os peixes desovarão nestas águas, que



importância a ela. Interessava-nos, isso sim, que o peixe não nos faltasse, a maré não nos traísse, a rêde viesse cheia.

Foi então, e só então, que aqueles homens chegaram. Vieram em canoas enormes, canoas de ferro, canoas sem remo. Queimaram tudo, destruíram tudo. Ao lado do meu coqueiro, sim, meu netinho, daquele que me prendia a rêde, fizeram buracos enormes, montaram máquinas incríveis, máquinas do matar.

Naquele dia não saímos para pescar. Naquele nem em nenhum mais. Minha rêde ficou por cima dos canhões, toda coberta de fôlhas. Minha canoa toda talhada a enxó, virou lenha de fogueira. Nada fiz, nada pude fazer.

Jogaram óleo no mar, mudaram-lhe a cor.

ao procurar os ovos da tartaruga não encontrarei o esqueleto do invasor?

Meu menino, tudo isto aconteceu quando eu gostava dela, queria casar com ela. Hoje ela não existe mais, não pisa a areia com os pés descalços, não me pede música em noites de luar. Hoje ela dorme inerte na tumba fria, erigida em louvor à epopéia.

Não sinto na linha a mordida do bdejo, pois no fundo, em abundância, sem engodo, está o alimento farto.

Digam-me, por favor, o que se passou aqui, por que tudo isto? Digam-me, porque senão enlouqueço, porque senão hei de negar-me humano, filho desta terra, irmão de meus irmãos.

Por que?

Por favor! Por que? Por que?!

O embaixador da Holanda visita o Colégio Naval

Oito de junho de 1960. O Colégio prepara-se para receber um visitante ilustre. Trata-se de S. Excia. o Barão Lewer van Aduard, representante diplomático da Holanda no Brasil.

Reune-se e arma-se, às 15 horas o Batalhão Escolar, dirigindo-se, em seguida para o campo de atletismo. É geral a expectativa. Todos estão ansiosos por conhecer o flamengo ilustre, ex-oficial de Marinha, hoje diplomata.

Postos de continência. Surge, por trás da Ilha Francisca a lancha que



DESFILE EM CONTINÊNCIA



conduz S. Excia. Traz içado o pavilhão vermelho, branco e azul da Holanda. Aproxima-se da ponte de desembarque, onde é aguardada pelo CMG Aldo Pessoa Rebello, Diretor do Colégio Naval. É içado o pavilhão holandês, ao som do hino nacional da Holanda.

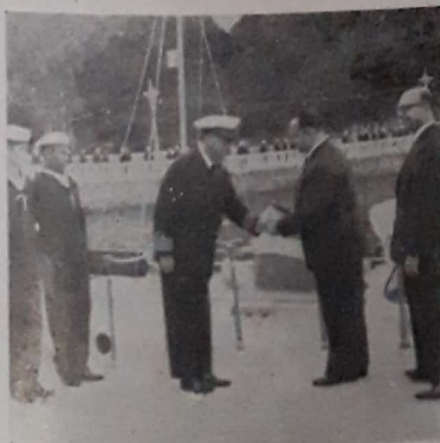
S. Exa. dirige-se para o campo de atletismo, onde o Batalhão está formado, passa-o em revista, e segue-se o desfile. É uma cerimônia brilhante.

À noite há uma cerimônia no ginásio, onde, com a exibição de filmes documentários, é nos proporcionada uma visão de lances pitorescos da vida do notável povo flamengo. S. Exa. faz um discurso em português, contando pormenores de sua vida como cadete. É ouvido com entusiasmo fora do comum, mermente pelo Corpo de Alunos. É que, na vida agitada dos cadetes holandeses havia quadras por

demais semelhantes à nossa própria vida.

O holandês é marinheiro por excelência. Todos conhecemos as vitórias que, há séculos, obtém, sobre o mar, o gigante flamengo.

Vimos, Sr. Embaixador, na vida dos cadetes holandeses, muita semelhança com a nossa. Há também uma faceta na vida do seu povo, que muito se assemelha à de nosso: esta luta que lá se desenrola contra o oceano, nós a temos aqui, contra um mar que também vamos levando de vencida: o das dificuldades em que se debatem os povos sub-desenvolvidos. Diga isto aos holandeses, Sr. Embaixador. E diga-lhes, também, que, ao velho adágio: "Deus fez o mundo e o holandês fez a Holanda", os brasileiros acrescentamos: "e o brasileiro está fazendo o BRASIL."



RECEBIDO DELO CMG. ALDO PESSOA, DIRETOR

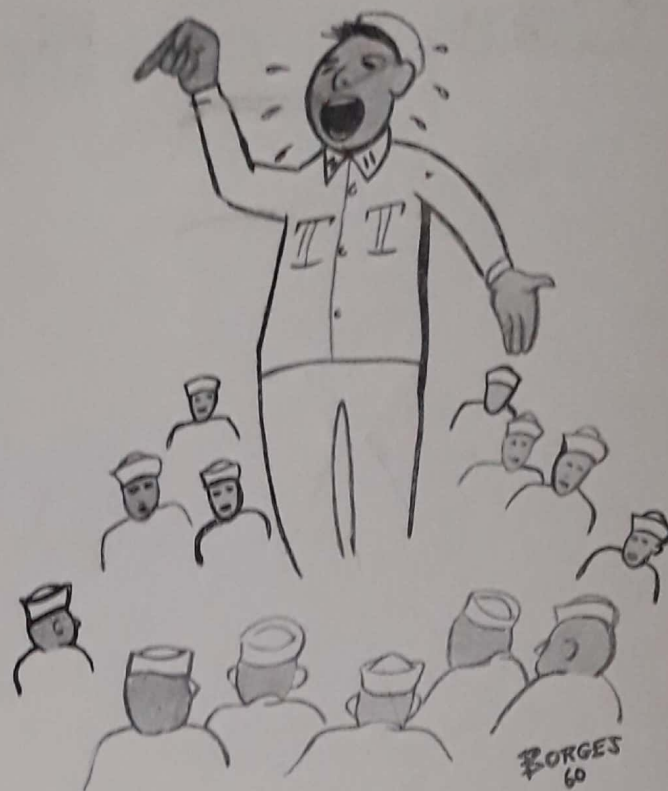


S. EXA. O BARÃO VAN ADUARD

CONCURSO DE ORATÓRIA

Texto: *Luís Felipe*
Foto: *Maurício*

DENTRE as atividades do Grêmio, destaca-se, como das mais importantes, o Concurso de Oratória. Com a finalidade de escolher o Orador Oficial, o certame consta de duas principais partes: a leitura de composição sobre



temas variados e a pronúncia de discurso improvisado.

Reunido o Corpo de Alunos, às 14,00 horas do dia 21 de maio desse ano, na presença de famílias e do Sr. Diretor e oficiais, foi iniciada a disputa. Ao vencedor caberá saudar os visitantes e externar o pensamento do Grêmio, sempre que isto se faça necessário.

Cinco fortes concorrentes lutaram pelo título: Quadros, Ferreira, Feijó, Mártire e Garcia de Oliveira. Depois de ouvirmos brilhantes peças em que observamos, de fato, verdadeiros pendores oratórios nos discursantes, passamos a aguardar o veredicto da Comissão Julgadora. Esta empunha-se do Sr. Diretor, Prof. França, Comte. Eacellar e mais os Capitães-Tenentes Passos (hoje Capitão de Corveta) e Ungerer.

Notava-se nos presentes um entusiasmo fora do comum durante a espera que antecedeu à proclamação do vencedor. Quebrando a expectativa reinante no recinto, a comissão pronunciou-se finalmente: pela contagem dos pontos conferidos a cada um, coube a vitória ao aluno Ferreira.

Aplausos em todo o ginásio. O néo orador agradece e propõe-se, doravante, arcar com a responsabilidade de interpretar o pensamento do Corpo de Alunos, em oportunidades que, por certo, se lhe... defrontarão.

Boa sorte, Ferreira.

Como se faz um Gingilim

B I B J A N I

GINGILIM é a publicação humorística mensal do Grêmio. É o portador alegre das novidades, em dia de Licenciamento. Aqui estão algumas notas à sua feitura, à guisa de subsídios para o Redator-Chefe de 1961.

Dias antes do Licenciamento:

Bole, rebusque, melhore sua parte. Lembre-se de que este número é melhor que o anterior e de que o próximo lhe será superior.

Véspera do Licenciamento:

(Agora é melhor irmos por horas):

- 19,00 — Entregue os originais à impressora, no D.E.C.
- 20,00 — Já devem estar prontas algumas páginas. Comece a separá-las.
- 20,50 — Antes do toque de "silêncio", faça um "convite de Marinha" a uns e outros, para ajudarem-no...
- 21,05 — Marca ir ao Rancho, e conseguir dispensa da matutina.
- 21,30 — A esta altura o sono começa a chegar. Não desanime: só faltam 7.000 fôlhas...

22,30 — Não durma e evite sentar-se: o Ginja terá que sair amanhã!...

22,50 — Alegre-se, pois a paginação está acatando. (4.500 fôlhas).

23,10 — Se estiver cansado, lave o rosto e fume um cigarro.

23,55 — Acorde os jovens que "piruaram" grampear.

24,00 — (zero hora ou meia-noite) — Hoje você vai ao Rio. (Verá como, com este pensamento seu ritmo de trabalho aumentará. É espantoso!)

01,00 — Animo! Falta pouco!

02,00 — Se você trabalhou direito, a faina acaba agora. Não vá dormir logo. Deixe a sala sã e guarneça os exemplares em lugar mocoseado.

05,30 — Se dormiu, acorde alegre. Logo mais o Ginja vai sair... e a caminho do Rio!...





SÁBADO



A PARADA



PASSAGEM DE SERVIÇO



O RANCHO

Rotina Normal

NA avalanche em que se consomem os dias no Colégio Naval, mal notamos os fatos que se desenrolam aos nossos olhos, tendo com cenário estas magníficas paragens de Batista das Neves. Ai vai, leitor amigo, o apanhado de um dia de Rotina Normal ao CN. Assim vivemos da segunda ao sábado, tôdas as semanas de todos os meses. É uma vida intensa, que nos proporciona um contato direto com as lides de Marinha e com as experiências emocionantes da Carreira que abraçamos.

1 - Quando o astro-rei surge encontramos, já, de pé. Acordamos às 5,30 e começa a voga.

2 - Estudo obrigatório. Várias horas por dia em contato com os livros. Eles são uma constante em nossa vida.

3 - Passagem de serviço. Estes homens têm o dever de zelar pelo bom andamento das coisas que se relacionam com o Corpo de Alunos.

4 - Passando em Revista o Corpo de Alunos. A boa apresentação é fator importante. Uma barba mal feita ou um sapato mal engraxado podem trazer consequências desastrosas...

5 - Agora, aulas. Das 8 horas até o meio dia, e uma depois do almoço...

6 - O Rancho. Onde se refazem as energias gastas.

7 - Depois do almoço um pouco de boa música e de leitura amena. Aqui é o Salão do Grêmio, onde se pratica a higiene mental.

8 - Agora um pouco de Ordem Unida com Armas Portáteis (OUAP). A Ordem Unida também desenvolve o raciocínio e o espírito de disciplina. Mas... é o terror das tardes quentes.

9 - Aproximados para a Ilha Grande - Aos domingos os aficionados da vela dão largas aos seus dotes marinheiros. E desfrutam a beleza sem par da Baía da Ilha Grande.

10 - Calistênciã - Para desenvolver proporcionalmente o físico e o intelecto, ai está a nossa calistênciã. Este ano foi-nos administrada pelo Tenente Vasconcellos, pára-quadista do Corpo de Fuzileiros Navais.

11 - O Departamento de Saúde - Mais frequentado nos meses de frio intenso, ou nas vésperas de desfile... Aqui os embroma... dores encontram (nem sempre) lenitivo para os seus males... e há sempre uma gaiósan para cada caso...

12 - ...E as cartas chegaram. Elas são nossas grandes amigas. Trazem-nos um pouco do carinho da família e daquela que ficou distante. O "externo" é dos mais conhecidos da guarnição. Traz-nos notícias das coisas lá de fora...



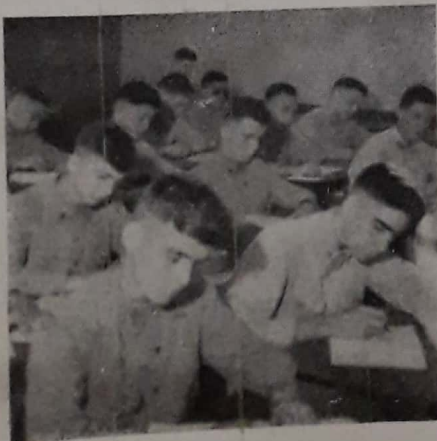
HORAS DE BOA LEITURA NO GRÊMIO



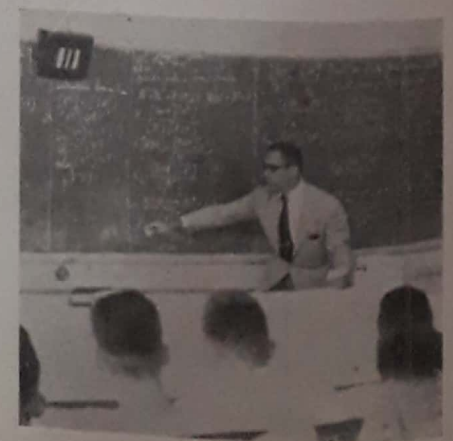
ABAIXO, ACIMA!...



CARTAS, CARTAS...



ATENCIOSOS



EM CLASSE

Término do ano

Al. Ferreira

EXTINGUEM-SE, paulatinamente, os últimos ecos do ano de 1960. Já não há nos pátios aquela bizzarria comum dos dias de rotina normal. O flintar da campainha tem um significado especial, que só notamos nas coisas a que nos afizemos e as quais estamos prestes a nos separar. Correm ligeiras as horas. As madrugadas quentes, as virações marinhas, o monótono bulir das ondas, dão um fundo tedioso às enervantes vigílias de fim de ano. É a época das grandes decisões, das alegrias marcantes, dos velados desesperos. Fim de ano, fim de curso.

Foram-se as provas finais. Vamos todos felizes em demanda do lar, onde nos aguardam dois meses de merecido repouso. A Escola Naval, "rissonha e franca", já nos desponta à mente, não como aquêlo sonho indefinido de há algum tempo, mas como uma realidade patente e insofismável.

Houve, em 1960, como nos anos anteriores, os que levaram, além do cabedal de conhecimentos aqui adquiridos, os lauréis de valor material, de que muito se devem orgulhar: foram os prêmios, conferidos aos que mais se distinguiram durante o Curso do Colégio Naval.

Foram os seguintes os prêmios conferidos em 1960:

1) PRÊMIO SALDANHA DA GAMA — Conferido ao aluno de melhor conduta e conceito militar, na turma que conclui o curso do Colégio Naval. É assim considerado aquêlo que houver obtido a maior média entre os graus de conduta conferido em cada ano letivo, desde que essa média seja igual ou superior a oito. Conquistou-o o aluno 2001 Luís Ronaldo Gapski.

2) PRÊMIO COLEGIO NAVAL — Concedido ao aluno de melhor média no Ensino Colegial. Conquistou-o o aluno 2003 — Alvaro José de Almeida Calegare.

3) PRÊMIO DESCARTES — Concedido ao melhor aluno de Matemática e Desenho, na turma que conclui o Curso. Conquistou-o o aluno 2003 Alvaro José de Almeida Calegare.

4) PRÊMIO DALTON — Conferido ao melhor aluno de Física e Química da turma que conclui o Curso. Conquistou-o o aluno 2012 — Isidério da Silva Mendes.

5) PRÊMIO MACHADO DE ASSIS — Ao melhor aluno de Português, na turma que conclui o Curso. Conquistou-o o aluno 2002 — Jenner Jefferson Maximiliano Moreira de Carvalho.

6) PRÊMIO RUI BARBOSA — Ao melhor aluno de línguas estrangeiras, na turma que conclui o Curso: Jenner Jefferson Maximiliano Moreira de Carvalho.

8) PRÊMIO OLIMPICO: Ao melhor atleta do Colégio Naval. Conquistou-o o aluno 2001 — Luís Ronaldo Gapski.

Este ano foi concedido pelo Exmo. Sr. Coronel Henri Lemont, Adido Naval Militar e Aeronáutico da França no Brasil, um prêmio ao melhor aluno de Francês do Colégio Naval. Conquistou-o o aluno 2002 — Jenner Jefferson Maximiliano Moreira de Carvalho.

Crônica de Aniversário

Al. Ferreira

Foram-se as musas dos quinze anos. Na avalanche inevitável dos dias o tempo me fez homem. Vivi, sonhei, vi torvelinhos de espumas brilhantes desfazerem-se na praia rasa da adolescência. A areia escorreu imperturbável na ampulheta. E o tempo, implacável qual esfinge, desmoronou castelos, desfez ilusões, apagou lembranças, sonhos, ou rancores.

Quase tudo passa sobre a terra. Até as flôres -- virgens lindas da Natureza eterna -- fenecem. E passa o tempo, passa o amor, e a felicidade passa. Esvaem-se tôdas as ilusões na bruma do passado, no incompreensível do presente, ou no impenetrável do futuro. Vão-se os dias e vai-se, com êles, a vida.

Ontem, no silêncio da noite, olhei-me introspectivamente. Confesso que me quedei quase surprêso ao deparar-me penetrando os vinte. Conheci-me melhor, congratulei-me comigo. As experiências vividas, as instru-

ções paternas, os conselhos honestos, fizeram me amadurecer quase precocemente. Sedimentaram-me o raciocínio e aprimoraram-me o caráter.

Estou longe, dos meus. Sinto-me hoje, no entanto, aqui, perto, muito perto de mim. Fecho os olhos e quase os posso sentir. Concentro-me e quase lhes ouço as vozes, prazerosas, afáveis, a me externarem felicitações. Vejo entre êles dois seres mais felizes que os demais e os ouço, em um abraço, dizerem-me: QUE DEUS TE ABENÇÔE, MEU FILHO, E TE GUARDE. Encontro, nesta frase simples, um mundo de venturas inenarráveis. Invade-me, ao ouvir-lhes a voz, uma sensação estranha, misto de amor, de alegria e de saudade. E vem-me instintivamente aos lábios um juramento de não viver em vão. E pelo que esta visão representa para mim, pelo que êles são, eu hei de cumpri-lo. Sim, hei de cumpri-lo.



Desespêro

Al. Luís Felipe

Meu pensamento vaga pelas terras sem fim da fantasia. Anseia e deseja que sonhos se tornem realidade, abrindo novos caminhos ao meu ser prisioneiro. Brumas obscuras do passado, tormentos do presente. Que o turbilhão do tempo os leve ao esquecimento. Sòmente a esperança mantém em mim a chama da vida, a queimar como luz bruxuleante.

Maldita avalanche de sentimentos contraditórios, que domina e entristece. Tu, que caís impiedosamente sôbre êste ínfimo ser, perdido na imensidão da soledade, do abandono, por que não te deténs?

Passem os maus tempos e novamente viverei. Vem, místico futuro de alegrias e traze-me a felicidade. Arrefeça a paixão que me cresta nalma, porém não seja ela de todo destruída, pois morrerei. Que para junto de mim venha minha virgem de cabelos dourados e nôvo sol brilhará nos horizontes desta existência amargurada.

Diante de penosa espera, abandona-me a calma. Quando? Quando virá o contentamento que tanto busco? Ó ingrato destino, permite que não me fuja a coragem, apressa os ponteiros do relógio, faze correr mais rápido o carro de Apolo, para que pouco tarde a hora de, com ela, subir ao Olimpo, e juntos, roubarmos de Júpiter a ambrosia dos deuses.

Quando Vênus fôr nossa protetora e a saudade não mais existir, haverá alegria. Sòmente assim esta mente torturada será livre, terá paz. Partirão acossados os demônios que a povoam, permitindo aos duendes do bem realizarem sua missão.

Seja duradoura a fé que ainda me resta, pois, ao soarem mil trombetas em festa, anunciando a esperada hora, imensa recompensa ser-me-á paga. O destino saldará, neste momento sua dívida. Então expulsarei do meu ser, com espada de fogo, como foram os mortais excluídos do Paraíso, o terrível desespêro que me acabrunha.

REMINISCÊNCIAS

Al. Araújo

Talvez fôsse pela chuva que caía mansa e intensamente, ou pela música morna e suave... Comecei a recordar...

O ambiente fêz-me lembrar os sonhos e ilusões da adolescência longínqua. Meu olhar, sem intensidade ou brilho algum, percorreu a sala lentamente, até encontrar aquela foto na parede; uma dor aguda revolveu-me as entranhas e o coração pareceu contrair-se-me todo, até quase ao ponto de sufocar-me. Ali estava ela ao meu lado. Foi na festa do último ano de Ginásio. Era a minha deusa; o vestido branco como uma pequena nuvem a envolvê-la; uma mecha de seus negros cabelos a cair-lhe sôbre a face, obrigava-a, de quando em quando, a ajelá-los com a mão, pequenina, delicada, angelical...

Um relâmpago cortou os céus, trazendo-me de volta à realidade.

Ao longe a água do mar, ululante e revoltosa, parecia envolver-se com a massa densa e cinzenta das nuvens mais próximas que se desfaziam em gôtas. Era de um verde escuro e profundo, e inspirava desconfiança, como o sorriso da mulher que um dia você amou e que o abandonou sem motivos.

Pode ser que agora, triste e solitário, eu maldiga o dia em que me deixei atrair por aquela flor, para mim diferente de qualquer outra no jardim da vida. Mas eu não compreendia então que, mais cedo ou mais tarde, as águas da chuva tornar-se-iam, tôdas, águas oceânicas, traiçoeiras e insondáveis.



Lágrimas para a Avenante

AL. PORTO

Eu comandara a Avenante por quatro anos. Era uma bela fragata da marinha francesa.

O tempo em que a tive sob meu comando foi suficiente para eu ter por ela uma grande afeição. Conservava-a brilhante, limpa de proa e pôpa e com sua guarnição bem treinada, igualmente limpa, patriota e respeitosa para com os superiores. A Avenante era minha vida. Cada vez que eu subia à ponte de comando, de lá descortinava, orgulhoso, a paisagem de bordo. Aquêles conveses, as cobertas, os mastros, tudo era de meu domínio, a serviço da Pátria. Nada mais digno, nada mais sublime. O meu entusiasmo era cada vez mais crescente e eu agradecia a Deus a graça de ter podido abraçar a carreira de oficial de marinha.

No entanto, a Avenante era uma velha fragata. Já estávamos no início do século XX e meu navio ainda possuía velas e mastros ao lado de um primitivo sistema de máquinas a vapor que moviam duas grandes rodas de pás laterais, que o faziam andar.

A Avenante saíra dos estaleiros de Marselha aos 16 de abril de 1877. Completava agora trinta anos. Contudo, a tripulação e eu não nos importávamos com sua idade e sentíamos-nos orgulhosos quando ela singrava garbosa as águas, geralmente mansas, do Mediterrâneo ocidental.

Mas o tempo é implacável em sua marcha e já tornara obsoleta a minha fragata. O progresso do engenho humano já idealizara outros navios, outros tipos de máquinas e novas táticas de guerra naval e, inexoravelmente, a Avenante teria que dar lugar a outro navio mais moderno, mais poderoso e de maior envergadura.

Soara a hora fatal. A Avenante seria desmontada, porém pouquíssimas de suas peças poderiam ser de utilidade. O resto seria jogado fora. Preferi, então, que ela tivesse um fim digno de sua vida gloriosa: que morresse no mar em que vivera.

Meu pedido foi aceito e, às onze horas da noite de 5 de maio de 1907, parti de Toulon escoltado pela Pélouse, outra fragata francesa.

Era a última vez que eu comandava a Avenante. Daria as derradeiras ordens e, do passadiço, lançaria um último e triste olhar sobre aquele navio que fora minha vida por quatro anos. A tripulação também sentia aquela gélida despedida.

Pela alta madrugada pegamos temporal grosso, mar revólto e muito vento. Mas a Avenante, como sempre, resistira, heróica, a tôdas as intempéries e marchava célere para o oeste da Córsega, onde teria seu fim, marcado para às 5 horas do dia 6.

As 4 horas chegamos ao lugar marcado.

Iniciaram-se, então, as operações, a fim de dar cumprimento à missão que nos fora destinada: fazer explodir a Avenante. Cargas de dinamite foram colocadas em seu casco. Ao fim de meia hora tudo estava pronto. Abandonamos, então, o navio, e eu, já à escada do portaló, para descer ao escaler, deixei caírem algumas lágrimas, que minha emoção não deixara reprimir. Fui o último a descer ao escaler. Rumamos para a "Pélouse" que estava a um quilômetro da Avenante.

Do convés da Pélouse aguardamos, nervosos, o momento.

Os relógios marcaram cinco horas. Era chegado o instante. Fiz a detonação e, logo a seguir, o casco da Avenante voou pelos ares.

A claridade da explosão misturava-se com os raios do sol que começava a nascer. E em meio àquela aurora radiante o meu navio afundava, até que desapareceu sob as águas...

Nascia um novo dia. O sol iluminava o horizonte longínquo e seus raios se decompunham nas côres do arco-íris ao encontrarem as lágrimas que, saudosas, choravam o que acabava de acontecer...



Grãos de areia

Aluno LUÍZ FELIPE

Era um dia de sol, brilhante, resplandescen-
te. A esplêndida Copacabana, que tanto quero
e tão bem conheço, encontrava-se no auge da
beleza. A moldura magnífica dos imponentes
edifícios, dominando a suave curva da baía,
contrastava com o azul dum céu sem nuvens.
Sôbre a areia quente e acolhedora a gente dei-
xava-se ficar naquela modôrra gostosa, trazida
pelo calor de janeiro. Nada perturbava a calma
daquele dia perfeito. Sentia-me feliz, gozando
as férias esperadas com ansiedade durante todo
um ano de estudos no CN. Mar, praia, céu, di-
vertimentos, liberdade, conjunto ideal...

Então, neste cenário, aconteceu: uma corri-
da no mar, um punhado de areia, um susto, uma
voz feminina, um sorriso... perdi perdão pelo
descuido. Quão desastrado fui, fazendo com que
pequenininos grãos de areia maculassem a alvu-
ra daquela cútis feminina. Ao fitar seus olhi-
nhos, de côr indefinível, não consegui afastar-
me. Atraído pelo magnetismo da divina silhuet-
ta, parei, e, aturdido, sem saber o que fazer, no-
vamente desculpei-me. Antes que se lhe apa-
gasse o lindo sorriso, estendi a mão, apresentan-
do-me. Ela, talvez espantada com minha preci-
pitação, hesitou um instante, porém logo seus
lábios entreabriram-se num nôvo, sincero e
contagante riso cristalino. A natureza, maravi-
lhada, parecia acompanhar-lhe a alegria. Jul-
guei ouvir as ondas quebrarem-se com mais
fôrça, notei que o sol brilhava tanto quanto os
seus cabelos dourados. Conversamos, passear-

mos, e, como se um poder superior o impelisse,
o destino natural e vagaroso, adiante levou sua
trama. Imperceptivelmente, da amizade nasceu
o amor. Sem que sentíssemos, passaram-se os
dias, as semanas. Veio o carnaval, seguiram-se
bailes, passeios, alegrias mil. Beije aquêles lá-
bios, senti o inebriante perfume dos compridos
cabelos côr de ouro.

Março. Dia cinco. Como a névoa que se dis-
sipa ao surgir o astro rei, desvaneceu-se meu
sonho de amor. A despedida cheia de ternura,
a inevitável aproximação do CN, o término das
férias. Impossível impedir. Quanto tempo pas-
saria sem vê-la? Um mês? Dois? Imprevisível. A
angústia da saudade, o tormento da separação,
seriam perenes companheiros. Parti e ela ficou.
Se chorou, não sei, porém foram poucas as pa-
lavras que a emoção lhe permitiu dizer à despe-
dida. Um beijo... e foi tudo.

Agora, aqui estou. O "Velho Barco" é mi-
nha morada. Já faz parte do passado um dia de
sol, brilhante, resplandecente; mas permanece
presente a imagem da Deusa loura. Deusa do
amor, alegria dos meus sonhos de apaixonado,
eterna vida da minha vida!

Terrível saudade que me faz sofrer, maldita
separação que não me deixa pensar, que me
priva do prazer de viver, transformastes num
caos a minha existência. Desesperado, procuro
descobrir, pergunto, indago: de quem é a culpa?
Dela? Minha? Não. Apenas de pequeninos, in-
significantes grãos de areia...



LUTA RENHIDA



A FRENTE...

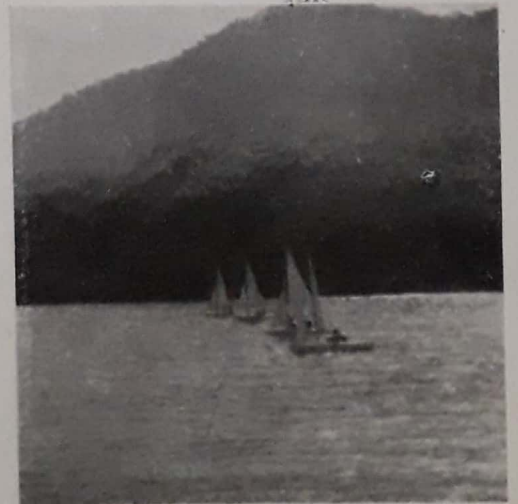
R
E
G
A
T
A



...“DE VENTO EM POPA”

de
“S
N
I
P
E
S”

ESTE DESVIOU-SE DO RUMO...

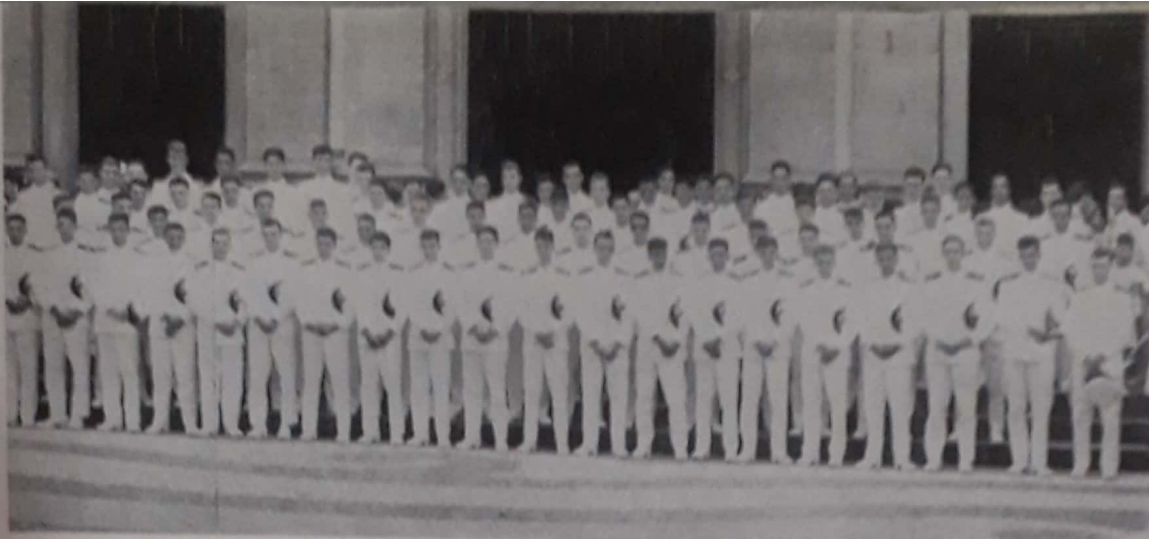


Horas Vagas

Aluno VILAR

Horas vagas...
Ondas,
Vagas
De plagas ondulantes,
Faunas e fiores.
Vagalhões tempestuosos
Das horas
Do ócio
(Eócio)
Dos mandriões morosos
Horas vagas e vãs,
Vãs e vagas
Vagarosas, pagãs.
Horas devoradas pelo tempo
Sem contratempo,
Sem contrações.

Homem vadio,
Vazio.
— Homem, ou lobisomem?
— Racional?
Animal, sim, de horas vagas,
Vagarosas:
Vagas de águas
Que não movem o moinho
Da vida que não é vida,
Que é simples ilusão
Do mandrião.
Do ocioso,
Do irracional
Animal (!)
QUE É HOMEM.



EX TOTO CORDE

VASCONCELLOS

Dos mais longínquos recantos da pátria, impelidos pela fibra inquebrantável dos fortes, destemidos diante do indecifrável amanhã, exortados pelos exemplos edificantes das gerações passadas, partimos um dia êstes jovens.

Nosso destino era um só, a enseada Batista das Neves; onde nos haveríamos de reunir em prol de nossos anseios, onde nos deixaríamos ficar, pelo espaço de dois anos, ao sabor das vagas do incomensurável mar do saber. Nem sempre fomos felizes nas lutas que travamos. Ora bonançoso e calmo, ora tempestuoso e revêlto, o oceano dos conhecimentos nos trouxe sempre inesperadas reações; mas, inspirados em Simon Bolívar — "a arte de vencer aprende-se nas derrotas" — reagimos, resistindo aos esporádicos fracassos. Dia houve, porém, em que se avistaram indícios de vitória próxima, primitivos sintomas de coroados esforços. Redobram-se os ânimos e instintivamente nos pusemos a persegui-los até que os alcançamos.

O primeiro triunfo na longa jornada que cedeiz ao MAR — orgulho do verdadeiro nauta!

A 5 de janeiro no santuário florido e iluminado da

Igreja da Candelária, foi celebrada a missa em ação de graças pelo acontecimento. Terminado o ofício, subiu ao público o Revmo. Pe. Francisco José, que, em primorosa oração, congratulou-se com pais, mestres e concluintes pelo êxito obtido, exortando-os a cultivarem a fé, fazê-la motivo da melhor de suas atenções, realçando-lhe o papel nos destinos da humanidade. Concluiu, ainda, os futuros aspirantes a terem nos seus superiores, experimentados marinheiros, exemplos de liderança e mando, o modelo a seguir quando, amanhã, também integrarem o oficialato da Armada Nacional.

Em breve todos se retiraram e partiram. Muitos deles, a maioria mais afeita aos sacrifícios da carreira, dotada de maior crença profissional, logo voltaremos a singrar as mesmas águas que nossos antecessores, seguir-lhes a esteira, premiados pela necessidade de cumprir a última etapa que nos separa de nossos ideais. Esta foi a primeira missa; muitas outras a seguirão. Deus criou o mar e o homem. O racional fêz-se navegante, é feliz e demonstra ao Criador o seu reconhecimento. Diz Guerra Maio que "a gratidão não passa, muitas vèzes, da preparação do caminho para novos benefícios". Não importa. De qualquer forma ficamos agradecidos.

ASPECTO DA ASSISTENCIA



OUTRO ASPECTO DA ASSISTENCIA



NOSSO BAILE

A 7 de janeiro último os salões da sede esportiva do Clube Naval, na encantadora e aprazível Ilha Piraguê, voltaram a enaclarar-se para reunir parte da sociedade carioca, no já tradicional e proalado BAILE DA ANCORÁ.

Foi, sem dúvida alguma, brilhante a noite que o Departamento Social proaramou a fim de comemorar a conclusão do curso de mais uma turma de secundaristas do "solitário barco" de Angra dos Reis. Nem mesmo o implacável calor desta época do ano conseguiu embanar o brilho da recepção, nem tampouco a animação dos numerosos pares que, envolvidos pela selecionada e agradável música dos conjuntos de Moacir Silva e Os Copacabanas, rodopiaram pelos salões, do primeiro ao último instante da reunião.

As dependências do Clube ornamentadas a gosto, além de ampla e festivamente iluminadas.

Altas autoridades civis e militares estiveram presentes, cumprindo ainda registrar a afluência em massa do sexo frágil, transbordante em beleza e elegância.

O tempo incerto, apesar de satisfatório, não nos proporcionou uma noite românticamente perfeita, entretanto, ainda assim, as águas mansas da Lagoa presenciaram milhares de sussurros apaixonados e juras eloquentes dos pares que se lhes postavam à borda.

A comissão de recepção aos convidados se desincumbiu a contento da missão de acomodá-los em seus respectivos lugares.

Nada de anormal quanto ao ambiente em que imperou a camaradagem e requintada educação.

Aos poucos os ponteiros do relógio avançaram, trazendo o romper da aurora que imperturbável pôs termo ao baile, inaugurando o primeiro marco de vitória na longa trilha a seguir: anexando o Colégio Naval à já volumosa arca de nossas recordações.

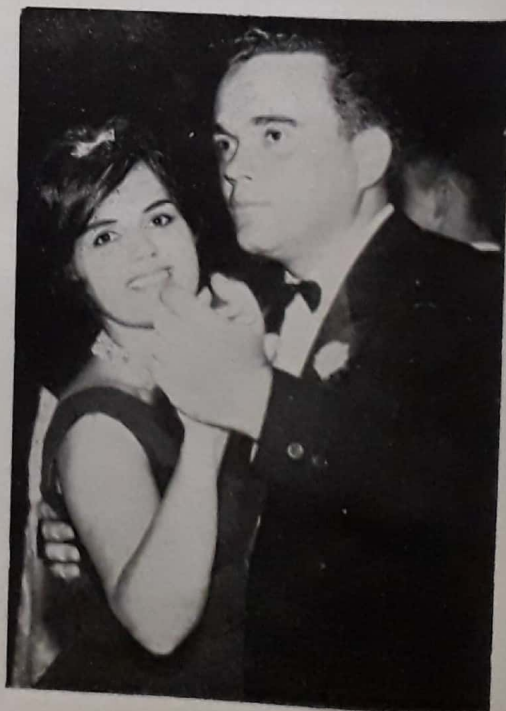


O PIRAQUE ESTAVA REPLETO

PAR ROMÂNTICO. VAI PAGAR O ESPAÇO,
"SEU" FARIA



UM SORRISO BONITO E UMA FISIONOMIA
COMPENETRADA



Tédio

Al. Vasconcellos

Aqui, sentado, só, meditativo,
Sem te sentir e à tua companhia,
Nos idos anos, doce lenitivo,
As cores muitas que meu ser curtia.

Aqui sentado eu vejo o teu sorriso,
O teu olhar... o gesto teu... Padeço
Em tudo eu vejo, em tudo simbolizo
A tua efígie, julgo que enlouqueço.

Quando anseio te rever, planejo
Abandonar o exílio a que me prendo
Tornar-te aos braços, reprovar teu beijo.

Quero olvidar esta cruel masmorra
Que, há muitos anos, já, me traz sofrendo.
Quero voltar a ver-te antes que morra!

Dentro da Noite

Al. Ferreira

Deitada no teu leito imaculado
Sei que dormes, querida, docemente.
Mas neste instante, só, lembro, ao teu lado,
As coisas belas que te dei somente.

Sei que dormes. Talvez, inesperado,
Um lindo sonho te povôe a mente.
Nem recordas, talvez, um ser que, amado,
Te deu um amor só teu, leal, fremente.

Dorme! Contigo estão meus pensamentos!
Sinto o fantasma dos cruéis momentos,
Que me trouxeram para tão distante.

Vejo o tempo, que escorre a passos lentos
E espero, a conter meus sofrimentos,
Que, em nôvo dia, um nôvo sol levante...



A Você...

E quando não mais houver
No mundo
Um sorriso de mulher,
Dois lábios vermelhos,
Um corpo sensual,
É sinal
De que o homem morreu...

Érico



Poesia do desgraçado

Em meio ao deserto
Deu-me água,
Deu-me vida.
Depois, agora...
Sêde...
E eu a amo,
Como a mariposa;
Voando para a luz...

Érico

Fim de Noite

Al. Ribas

Noite escura
Chove.
A lua não derrama sôbre nós
Sua luz argentina.
E o fim.
Fim de uma noite, fim de uma vida.
Tôdas as esperanças tolhidas
Por um só golpe.
Por que? Não sei.
Mereceu? Talvez.
Foi injusto? Há possibilidades
E agora é o fim.
Penso.
Não há mais nada
Adeus.
Adeus, flores e pássaros!
De vocês, que ficam quero apenas
O silêncio.
Esqueçam-me.
Acabei aqui.
Não existo mais, não sou mais,
Não me entendo mais.
Por que continuar?
Sim, é o fim. Fim de tudo,
Ou melhor,
Fim de nada:
Fim de uma vida vazia.
E só um movimento,
Simple, muito simple,
Com um dedo apenas.
Mas não!
A vida foi esperta.
Único meio de vingar me dela.
Tirou-me a coragem.

Um adeus ao CN

AI. FERREIRA

Agora, CN, que os seus pátios estão desertos, que as suas alamedas e devesas não apresentam mais aquela vida aquêlo burburinho comum dos dias de labuta incessante, agora que os seus amigos partiram, vamos conversar pela última vez. Vamos reviver nossos dias idos, nossos desgostos, nossas alegrias e elucubrações fugazes de velhos conhecidos.

Você se lembra, CN, daquela noite de lua cheia em que conversamos assim. Você se lembra, também, das muitas outras noites de lua cheia, em que outros conversaram com você. E neste silêncio imóvel, nesta impenetrabilidade respeitável, você nos compreendeu tão bem! Você é bom, CN, você é bom.

Uma noite, eu me lembro, caminhávamos, eu e uma criatura que você também conhece, caminhávamos ali, através daquela alameda. Conversávamos sobre assuntos vagos, quase pueris. E você nos ouvia silencioso. Depois ela partiu. Sabe, CN? ela não voltou mais. A princípio tive muita saudade dela. Depois, tentei esquecê-la. Quase consegui.

Daqui a pouco eu também vou-me embora. Acho que nunca mais haveremos de conversar assim, como fazemos agora. Tal é a vida, amigo. O tempo voa. Célere como essas andorinhas que agora esvoaçam em torno de sua torre esguia, de sua torre pálida e inesquecível, acolhedora como um abraço.

Amanhã, quando, você e eu, já velhos nos en-

contrarmos, eu nem sei o que é que vamos dizer um ao outro. A vida então será diferente para mim. Para você talvez não. Mas acho que, mesmo assim, nos entenderemos.

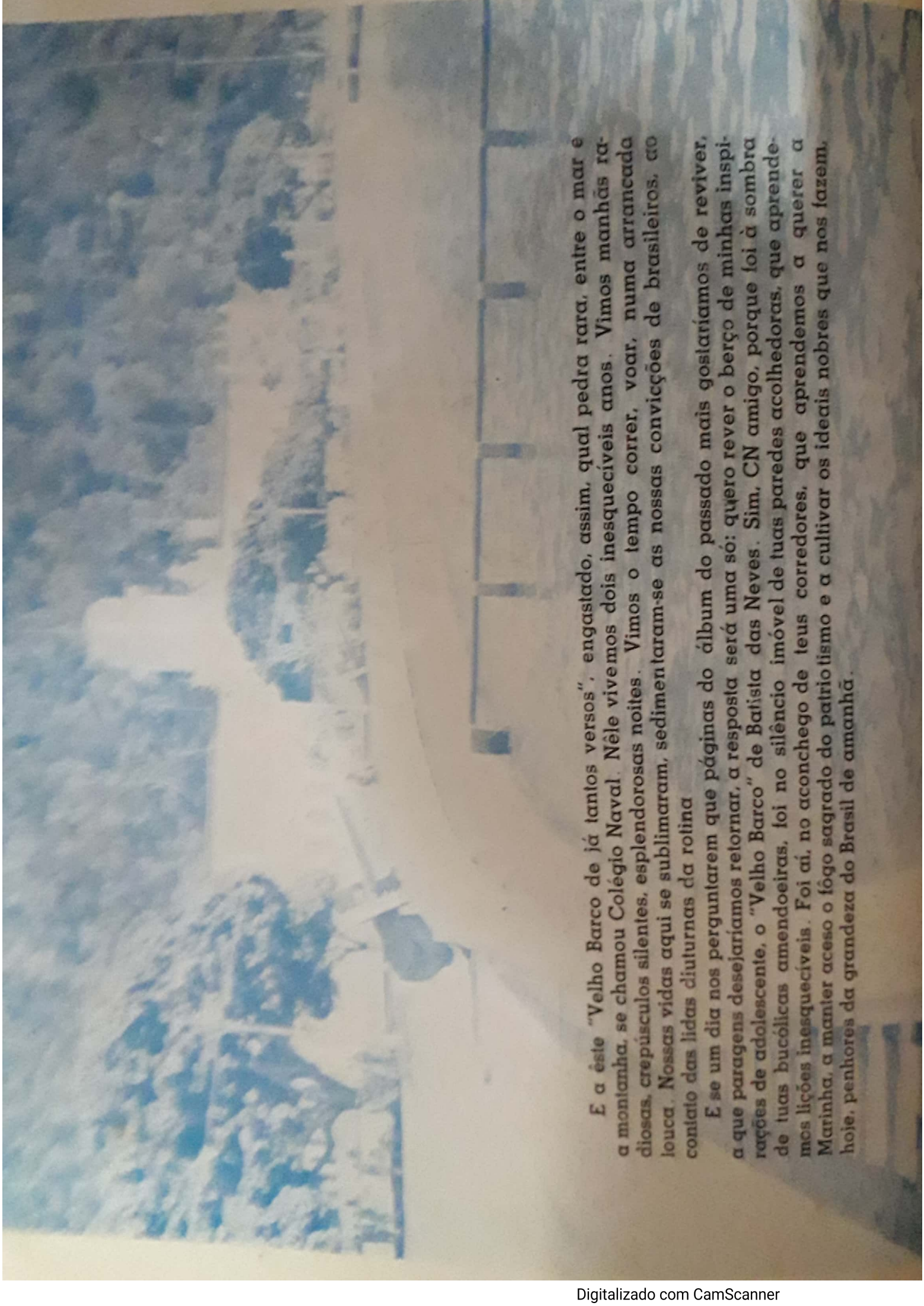
Eu quero que você saiba de uma coisa, CN: nunca mais me esqueço de você. Sua silhueta pálida nesse fundo verde, que eu, enamorado, contemplava de longe, quando o Rio das Contas partia em Licenciamento, ficou-me estampada na retina. Ficou no coração de todos os seus amigos que partimos.

Eu nem sei que palavras mais lhe diga em despedida. O coração da gente confrange-se em momentos como êsse. E ontem eu vi como você ficou triste, o mais pálido ainda, quando o Aviso deu aquela guinada para bombordo e partiu a ôda fôrça, como querendo encerrar o mais depressa possível aquêlo instante solene, de comvente adeus. Sua esteira era branca como a saudade dos que iam a seu bordo. Chega a me parecer, CN, que você ficou assim tão pálido foi de ver repetirem-se, todos os anos, cenas como aquela. Isto mortifica. É por isso que você ficou assim, amarelecido e tristonho.

Logo mais eu me vou, amigo velho. Com você fica o meu coração. Com você fica uma parcela de minha vida, que nos unirá sempre. Cuide bem dela, porque é sua e minha, assim como você não é só seu.

Até um dia, CN amigo. Até um dia...





E a este "Velho Barco de já tantos versos", engastado, assim, qual pedra rara, entre o mar e a montanha, se chamou Colégio Naval. Nêle vivemos dois inesquecíveis anos. Vimos manhãs radiosas, crepúsculos silentes, esplendorosas noites. Vimos o tempo correr, voar, numa arrancada louca. Nossas vidas aqui se sublimaram, sedimentaram-se as nossas convicções de brasileiros, ao contato das lidas diurnas da rotina.

E se um dia nos perguntarem que páginas do álbum do passado mais gostaríamos de reviver, a que paragens desejaríamos retornar, a resposta será uma só: quero rever o berço de minhas inspirações de adolescente, o "Velho Barco" de Batista das Neves. Sim, CN amigo, porque foi à sombra de tuas bucólicas amendoeiras, foi no silêncio imóvel de tuas paredes acolhedoras, que aprendemos lições inesquecíveis. Foi aí, no aconchego de teus corredores, que aprendemos a querer a Marinha, a manter aceso o fogo sagrado do patriotismo e a cultivar os ideais nobres que nos fazem, hoje, penhores da grandeza do Brasil de amanhã.

Joem! O BRASIL PRECISA DE TI

Sete-o integrando o Corpo de Oficiais de tua Marinha de Guerra

Eis Os Caminhos Que Te Levarão A Integrar o Oficialato
de Tua Gloriosa Marinha de Guerra:

- I— Se tens o curso ginasial completo ou equivalente e no máximo 19 anos de idade, escreve logo para o **COLÉGIO NAVAL**, Departamento de Ensino, ANGRA DOS REIS, ESTADO DO RIO DE JANEIRO.



Para o Colégio Naval, os candidatos se submetem a um exame de admissão, constante das seguintes matérias: Português, Matemática, Francês e Inglês, Geografia, História do Brasil, além de inspeção de saúde e exame de aptidão vocacional;

- II— Tendo o curso científico completo ou equivalente e no máximo 23 anos, de idade, escreve então para a **ESCOLA NAVAL**, Ilha de Villegação, RIO DE JANEIRO, ESTADO DA GUANABARA. Neste caso, o exame de admissão compreende as seguintes provas: Português, Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria, Física e Química, além de inspeção de saúde e exame de aptidão vocacional.

“OS POVOS SAOS E FORTES AS NAÇÕES MASCULAS E LIVRES AMAM
AS SUAS ESQUADRAS A IMAGEM DA SUA PROPRIA EXISTENCIA”

Ruy Barbosa
“Cartas de Inglaterra”

